

GUARULHOS

OLHARES SOBRE TRABALHO E COTIDIANO

Ivan Canoletto
Tiago Guerra



Apoio Institucional Realização

Lei
ALDIR
BLANC

Projeto patrocinado pelo Ministério do
FunCultura
FUNDO NACIONAL DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

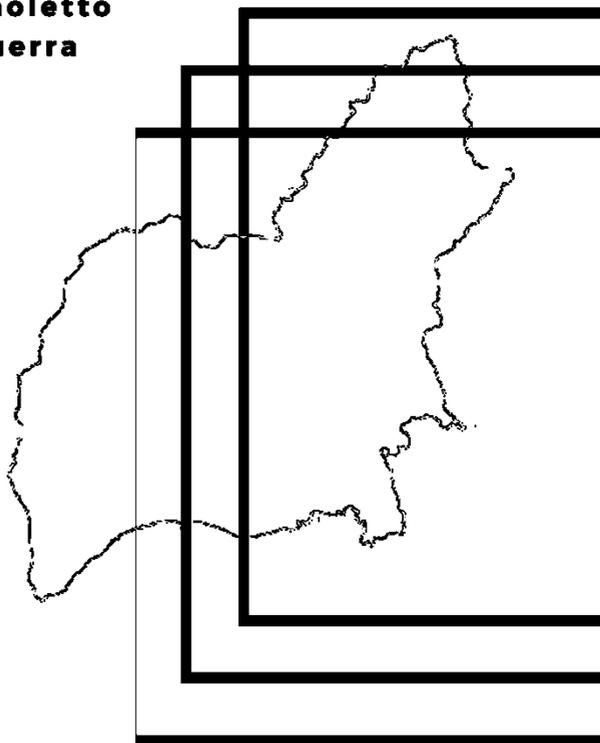
MINISTÉRIO DO
TURISMO



GUARULHOS

OLHARES SOBRE TRABALHO E COTIDIANO

**Ivan Canoletto
Tiago Guerra**



Copyright 2022 – Ivan Canoletto e Tiago Guerra

É proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização prévia de seus autores.

FICHA TÉCNICA

Diagramação: Lionel Fontanesi

Ilustração: Lionel Fontanesi

Edição: Renato Queiróz

Revisão ortográfica: Valdir Canoso Portásio

Colaboração: Elaine Muniz Pires

Apoio Cultural: Secretaria de Cultura de Guarulhos e AAPAH

Esta obra contou com apoio da Lei Aldir Blanc

Impresso no Brasil, 2022 - Pinteado no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guarulhos: novos olhares sobre trabalho e cotidiano/Ivan Canoletto e Tiago Cavalcante Guerra – 1. ed. – São Paulo : AAPAH, 2022. 136 p. : il. ; 14 x 21 cm. Inclui bibliografia.

História - Guarulhos (SP). 2. Trabalho - Brasil. 3. Escravos - Brasil— História.

ISBN: 978-65-00-45382-9

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
A CATEGORIA TRABALHO: AMPLIANDO POSSIBILIDADES	10
1. O TRABALHO EM GUARULHOS DURANTE O BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO.....	14
2. GUARULHOS EMANCIPADA: MUITOS AFAZERES.....	42
3. MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES, GREVES E SINDICALISMO.....	71
4. TRABALHO, MIGRAÇÕES E OCUPAÇÃO DESORDENADA.....	93
5. GUARULHOS DO SÉCULO XXI: FORMAL, INFORMAL E DA ESCRAVIDÃO MODERNA.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	133

O Cio da Terra

Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão

Decepar a cana

Recolher a garapa da cana

Roubar da cana a doçura do mel

Se lambuzar de mel

Afagar a terra

Conhecer os desejos da terra

Cio da terra, a propícia estação

E fecundar o chão

Composição: Chico Buarque / Milton Nascimento

APRESENTAÇÃO

Guarulhos é uma cidade que carregou muitas alcunhas através da sua história. Ela já foi tratada como “Cidade-Símbolo” em um livro dos anos de 1960 (*Guarulhos cidade símbolo 1560-1960*), escrito por Adolfo Noronha na ocasião das comemorações do IV Centenário. Também já foi chamada de “Cidade Progresso” por diversos governos e cujo apelido estampava *outdoors*, juntamente com propagandas elogiosas aos feitos do momento. Para muitos moradores ainda é vista, de modo pejorativo, como “cidade dormitório”, conhecida designação do aglomerado urbano que serve de moradia aos trabalhadores de cidades mais importante economicamente, no caso, São Paulo. Com base em dados do Censo Demográfico de 2010, o estudo do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) *Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas do Brasil*, detectou que o maior fluxo populacional entre cidades por meio de migrações pendulares se dá justamente entre Guarulhos e São Paulo, ou seja, segundo o estudo cerca de 146,3 mil pessoas se deslocam

todos os dias de Guarulhos para São Paulo, ora para trabalhar, ora para estudar ou os dois, tendo em vista a “facilidade” de locomoção e a proximidade entre os dois municípios..

Se revisitarmos os dados macroeconômicos, no entanto, não enxergaremos apenas uma cidade que abastece outra com mão de obra. Guarulhos é hoje a 12ª economia do país e contribui com aproximadamente 54 bilhões de reais do PIB (Produto Interno Bruto) e a 9ª economia industrial do Brasil. Hoje o setor de serviços, principalmente aquele no entorno do Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos (hotéis, restaurantes, locadoras,) é o que emprega mais gente, convivendo com a diminuição do setor industrial, antigo motor econômico de Guarulhos e que ainda emprega bastante. Estes dados convivem com outras realidades menos alentadoras como, por exemplo, o déficit habitacional que é um dos mais altos da região metropolitana e o grave problema de saneamento básico e abastecimento.

Neste livro “Guarulhos: olhares sobre trabalho e cotidiano” utilizamos o conceito “trabalho” como categoria de análise para revisitar a história de Guarulhos. A proposta se fez em alguns recortes narrativos que se misturam nas histórias dos vários grupos sociais que nos seus fazeres e saberes produziram experiências diversas com a cidade.

A Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico (AAPAH) é uma organização de Guarulhos que completou 10 anos de atividades ligadas à preservação do Patrimônio Cultural desta cidade. Agradecemos o apoio da Prefeitura de Guarulhos, via Lei Aldir Blanc, além de todo o suporte dado pelo Arquivo Histórico de Guarulhos no acesso ao acervo. Boa leitura!

A CATEGORIA TRABALHO: AMPLIANDO POSSIBILIDADES

Ao pensar o trabalho na história de Guarulhos, partimos de uma contribuição trazida por E.P. Thompson em *“A formação da Classe Operária Inglesa”*, sob a perspectiva da experiência social que conforma assim a classe trabalhadora. O historiador inglês, analisou que a partir das tradições, costumes e modos de vida dos trabalhadores ingleses se produziu uma identidade de interesses, oriundos da experiência do trabalho, baseada na definição clássica de Karl Marx que compreende o trabalho como atividade sensível humana, que produz conhecimento sobre o mundo. Ao nosso ver, as experiências descritas neste livro revelam conhecimentos construídos a partir da relação que os trabalhadores desenvolveram nas variadas demandas de trabalho no território, moldando assim trajetórias singulares, mas que vividas de maneira coletiva, possibilitaram criar um eixo comum de experiência dos trabalhadores e seu cotidiano em Guarulhos.

Thompson afirmaria:

Se detemos a história num determinado ponto, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas ideias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, essa é sua única definição. (THOMPSON, 2012, p. 12)

Seria arriscado afirmar que essas experiências produziram identidades de interesses entre os trabalhadores, expressadas em formas de organizações que convergiam assim para lutas, resistência ou movimentos de sindicalização. Ao observar tantos retratos de trabalhadores (trabalhadoras) e seus fazeres, refletimos como se mesclaram algumas tradições e normatizações de certas funções que assim moldaram vários jeitos de ser de Guarulhos. No âmbito das

vivências desses homens, mulheres, velhos, jovens e crianças entrecortamos alguns períodos já tradicionais na historiografia de Guarulhos, assim como tentamos ir além do que a história “oficial” já contou.

Iniciamos a análise pelo passado indígena, negro e caipira, brandindo possíveis permanências na contemporaneidade. O “esvaziamento” da então freguesia de Guarulhos durante o século XIX, ainda que possível de observar pelos números, coaduna com a preservação de núcleos populacionais em determinados espaços como Bonsucesso e Cabuçu. Ao chegarmos à cidade do início do século XX, encontramos eles que não se fecham completamente, de uma cidade que perde parte do seu território, ao mesmo tempo em que precisa disciplinar as atividades econômicas nascedouros e harmonizar interesses de grupos sociais divergentes. A cidade que recebe imigrantes europeus, é também uma cidade com festas e tradições de origem negra e indígena, em que o trabalho informal se encontra nas ruas. A organização dos serviços e trabalhos por parte da prefeitura naquela época parece obedecer a um

regramento simples: se chegou de fora e é estrangeiro, você é o primeiro.

Seguindo esse itinerário, apresentamos os primeiros movimentos de organização dos trabalhadores e as mobilizações dos sindicatos, percorrendo toda a década de 1970 de intensa atividade sindical de trabalhadores e seus representantes. Por fim, a cidade predestinada aos rótulos durante todo o século XX, inicia os anos 2000 tentando conciliar problemas urbanos e ambientais com novos padrões de organização do trabalho que subsistem conforme formas de precarização que adquirem status de “novidade”.

1 - O TRABALHO EM GUARULHOS DURANTE O BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO

Os estudos sobre Guarulhos no Brasil Colônia foram bastante fecundos, considerando algumas dificuldades de encontrar fontes documentais e outros vestígios do período. Principalmente sob os esforços das pesquisas arqueológicas comandadas por Caetano Juliani e Cláudia Plens, além do grupo de pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), do “Movimento Guarulhos Tem História” e dos memorialistas João Ranali e Adolfo Vasconcelos Noronha. Hoje é possível traçar um quadro de referências históricas e arqueológicas do passado colonial de Guarulhos, ainda que suscetíveis a novas interpretações. Não existe uma farta documentação, a não ser as atas da Câmara da Vila de São Paulo, cartas de aforamento e inventários que foram nos últimos anos fruto de uma pesquisa mais densa por parte da Unifesp, mas parte dele ainda por serem mais aprofundados. Há principalmente reminiscências na paisagem, na vegetação,

nos rios e no solo em bairros como Água Azul, Lavras, Tanque Grande e Bonsucesso.

Como um dos aldeamentos indígena-jesuíticos de proteção à São Paulo dos Campos de Piratininga, como era conhecido o atual Pátio do Colégio no ano de fundação de São Paulo, 1554, a aldeia dos guarus pelejaria muito ainda para se estabelecer na colina onde hoje fica a Matriz de Nossa Senhora da Conceição. O pesquisador José Carlos Vilardaga afirma que durante os anos 1500 e também nos 1600 os aldeamentos eram ponto de conflitos entre jesuítas e colonos, sendo uma das razões a disputa em torno da mão de obra indígena, sua captura e uso compulsório, a escravidão (PLENS, 2015). No atual território desta cidade, os indígenas das tribos *Guaianases* e *Guarulhos* eram capturados e levados para o aldeamento e forçados a trabalhar na lavoura. Quando atraídos de alguma forma, eram catequizados pelos padres, assim também utilizados para o trabalho no aldeamento. Assim como os demais aldeamentos no entorno da Vila de São Paulo, a ocupação era incerta e de muita resistência dos povos nativos como revela o episódio do Cerco a Piratininga, em

1562, quando os indígenas do Aldeamento de São Miguel de Ururá e outros nativos cercaram o Pátio do Colégio, rejeitando a catequese e a colonização portuguesa, liderados por Piquerobi e Jaguanharan. Ou como deixa transparecer o relatório de um camarista (membro da corte portuguesa) feito em 1679, informando que a aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos havia passado de 800 indígenas, na década de 1640, para 70 em 1679 (SANTOS, 2006) (PLENS, 2015). A razão dessa redução? Revoltas que eram comuns entre os nativos no período, formas de resistência ao trabalho forçado ou a catequização. Quando não, os dois.

Até o surgimento das primeiras atividades mineradoras organizadas, o aldeamento dos Guarulhos convivia com a precariedade comum de outras localidades jesuíticas no entorno de São Paulo. A partir de 1592, segundo as Atas da Câmara Real da Vila de São Paulo, aparecem os primeiros vestígios de minérios na Serra de Jaguamimbaba (Cantareira), chamada também de “terra dos guarus”. Durante o século XVII se intensifica a busca pelo ouro no

Planalto Paulista. O memorialista Adolfo Noronha, em seu já citado livro *Guarulhos "Cidade-Símbolo"*, se fundamenta em um artigo escrito pelo jornalista Manoel Rodrigues Ferreira, publicado em 15 de abril de 1958 pelo jornal *A Gazeta*, em que é apontada a existência de poucos documentos que enfocam a exploração do ouro em Guarulhos, precisamente na região das Lavras. Tais documentos se encontram em São Paulo e datam de 1590, 1661 e 1741 sendo esses os vestígios documentais da exploração de ouro na cidade. Os documentos atribuem sesmarias, ou lote de terras aos colonizadores. A maioria dessas atribuições era de "terras dos índios" guarus, revelando uma possível presença desses povos nativos no espaço que seria denominado futuramente como Guarulhos. Povos nômades que se espalhavam por todo o território, os guarus são também associados aos *maromomis*¹,

¹ Conforme Benedito Prézia (2004) , o nome recebeu diversas grafias nos documentos seiscentistas, principalmente aquelas que relatavam a história da presença da Companhia de Jesus – os jesuítas - no Brasil. Maromomi, Maromemim, Maramomi, Jeromomim, Guarumimim, Garomemim, Guarulhos e Gessaruçu, esses últimos principalmente no Rio de Janeiro

grafados pelos cronistas coloniais de muitas formas, sendo um trabalho ermo de paleografia identificá-los.

A organização dessas terras exigia um tipo de atividade, revelada também pelo levantamento feito pelo professor Vilardega nos inventários dos proprietários de terra do período. Esse negócio era a escravidão, outra atividade econômica relevante e por qual se pagava muito bem na colônia, auferindo-se muitos lucros nas empreitadas de capturas dos nativos. O aprisionamento dos indígenas e a venda dos capturados para serem empregados nas lavouras dos aldeamentos jesuíticos no entorno era uma tarefa que empregava os colonos nos sertões de São Paulo (Carapicuíba, Santana do Parnaíba, Santo André, etc.). Os aldeamentos onde se encontra hoje o centro de Guarulhos e Bonsucesso (local de pouso e acesso às minas) se organizam em torno da captura dos indígenas e por duzentos anos, o uso da mão de obra compulsória era realizado por colonos e jesuítas.

A partir do século XVII, com elevação de aldeamento para **Freguesia Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos**

em 1691, se tornam mais esparsos os relatos de sesmarias e aforamentos, mas ainda todas elas relacionadas à exploração de minas como indicam os inventários dos colonos, fazendo menções a materiais empregados, quantidade de escravos e demarcações de terra. A descoberta das minas auríferas em Ouro Preto promoveu um esvaziamento da freguesia, mesmo que essa atividade ainda se mantivesse. Apesar da diminuição do número de colonos, é reforçada por muito estudiosos a constatação (PINHEIRO, 2004) (SANTOS, 2006) da presença de uma intensa miscigenação entre povos originários e portugueses que não foram para a região das Minas. No território entre São Miguel, Bonsucesso e Guarulhos até o final do século XIX e nas várzeas do Alto Tietê são enraizados elementos de uma cultura caipira que será “descoberta”, assim como outras, por Mário de Andrade nos estudos sobre a cultura e o folclore brasileiro na década de 1920.

As minas de ouro



Figura 1 Terra revolvida e com rejeitos da exploração das minas no bairro das Lavras. Acervo AAPAH/Bruno Leite de Carvalho. 2016

É inegável a realização da atividade mineradora no território que depois será conhecido como Guarulhos. As reminiscências da exploração, como dutos, valas e paredes de taipa indicam isso. Essa ação pode ser comprovada ainda hoje pelas marcas deixadas nas paisagens e no solo (galerias, escavações em encosta, paredões e montes de rejeitos) mapeados em estudos anteriores e conforme imagens. Assim como as cartas de sesmarias encontradas na Câmara de São

Paulo e em inventários seiscentistas que dão indícios da exploração aurífera na nossa “terra de índios” Guarus.

Por outro, a fragmentação e quase ausência de outros elementos, tais como uma Casa de Fundação, os comuns Regimentos de exploração mineral elaborado pelas monarquias ibéricas e mesmo ruínas ou construções mais robustas, confirmam os limites da exploração do ouro em Guarulhos e seu completo desaparecimento no século XIX. Em 1953, um relatório demográfico, geológico, social e histórico do IGG (Instituto Geográfico e Geológico da Sec. de Agricultura de São Paulo) trazia um perfil da cidade de Guarulhos em que a menção a exploração do ouro ou outras atividades mineradoras são inexistentes. Na memória daquela cidade dos anos 40 e 50, o ouro não existia mais. (LEANDRO, 1998).

O ouro efetivamente retirado é somente especulado. Não há registro dele em inventários nem nas cobranças de quintos, afora alguns objetos de ouro esparsos e que poderiam servir para mascarar o mineral. Lourenço de Siqueira, também dono de terras em Guarulhos e patriarca da linhagem que se tornaria proprietária da amplíssima Fazenda Bananal, na Guarulhos oitocentista, plantava trigo, criava gado, mas tinha também entre seus bens uma gargantilha, brincos e anéis de ouro, além de um “marco de pesar ouro”, arrolado no inventário de sua mulher, Margarida Rodrigues. (PLENS, 2015, pp86-87)

Além do trabalho diretamente ligado à atividade mineradora, outras atividades se relacionavam à esta, como a abertura de estradas, organização de tropas para abastecimento, locais de pousos etc. O conjunto das seis lavras de ouro que existiram em Guarulhos era acessado pelos ramais da Estrada Geral (Catas Velhas, Bairro das Lavras, Monjolo de Ferro, Campo dos Ouros, Bananal e Tanque Grande), e a velha estrada para Nazaré. A **vila de Bonsucesso** que era o principal local de passagem para essas minas em Guarulhos e recebe a primeira capela de Bonsucesso

construída por Francisco Cubas em 1670. Segundo Maurício Pinheiro (2004, p.16), “a capela nucleava colonos, pequenos proprietários de terras, posseiros, roceiros e foreiros pobres, índios e negros cativos [...]”. A concorrência com a descoberta das minas em Ouro Preto deve ter promovido uma corrida para o interior, mas não cessou de todo a atividade mineradora em São Paulo. Da mesma forma, a manutenção dos **topônimos**², como **Lavras**, indicam também a existência de exploração deste ouro em Guarulhos.



Figura 2 Canal de garimpo para a lavra de ouro. Acervo AAPAH/Bruno Leite de Carvalho. 2016

² Os lugares têm nomes que não foram escolhidos ao acaso. Eles são chamados de um nome específico que diz o que é o lugar. Podem descrever particularidades de seu relevo, clima e outras características

O trabalho negro e indígena na vila

Guarulhos foi um dos primeiros aldeamentos da região que foi conhecida como Vila de São Paulo. Muito próximo ao caminho que levava ao Rio de Janeiro (a Estrada Geral). Localizado numa colina e habitado por nativos e jesuítas, recebe o nome de Aldeamento Nossa Senhora de Conceição dos Guarulhos, em referência aos indígenas mais comuns da região.

Da existência dos Maromomis quase nada permaneceu, a não ser esparsos relatos seiscentistas da ação do padre jesuíta que teria iniciada a catequização, Manoel Viégas, a quem se atribui também a produção de um catecismo e uma “gramática” dos Maromomis, nunca encontrados. Tais escritos produzidos pelos jesuítas em 1599 (outro padre no caso, Pedro Rodrigues) trazem principalmente a descrição de hábitos como a coleta de frutas

geográficas. Podem fazer referência histórica a um conjunto de símbolos que só diz respeito àquele lugar, ou seja, às suas singularidades. A isto nós chamamos de topônimos.

e aqueles voltados para a caça, sempre migrando de uma área para outra. Eram também bravos e ferozes, indicando mais uma vez resistência a presença daqueles estranhos. O nome “Guarulhos” advém de outro povo indígena com presença nômade no hoje estado do Rio de Janeiro. A semelhança física e cultural inscrita nos relatos jesuíticos com os índios Guarulhos, que frequentavam todo o Vale do Paraíba, levou os Maromomis a serem denominados de Guarulhos.

Alguns pesquisadores, como Casé Angatu Tupinambá apontam que os indígenas que habitavam esta região eram os Guainás, em maior número e melhor conhecedores dos caminhos e passagens da região do Alto Tietê. Os movimentos de resistência, as capturas, as entradas na mata e estabelecimento de relacionamentos entre os diferentes povos nativos, potencializa essa provável miscigenação entre os diferentes povos que estavam na região do Alto Tietê (Maromomis, Guaianás, Guarulhos, Nhambis, Carijós, entre outros)

Em resumo, nossos primeiros habitantes, dos quais sabemos muito pouco, foram reconhecidos pelo colonizador

pela semelhança física com outro grupo indígena. Isto leva a pensar que de maneira irônica, os habitantes de Guarulhos estiveram sempre destinados a deixar esta terra e ter o seu reconhecimento no outro.

A história colonial de Guarulhos não é uma história jesuítica e portuguesa, tampouco bandeirante. É uma história essencialmente indígena.

As revoltas indígenas

Uma imagem muito comum nos guarulhenses, mas que permeia por assim dizer, um imaginário em torno dos povos que dão origem ao nome da cidade, é aquela que associa a ideia dos índios Guarus como pacíficos se comparados a outros nativos, e por terem na sua dieta os peixes do rio Baquirivu, abundantes em toda região e que recebiam o nome de “Guarulhos”, conhecidos também como “barrigudinhos”. Logo os nativos serem confundidos também como mais barrigudos foi um passo. João Ranali em um arroubo de discutível “sinceridade” dizia que além de “barrigudos”, os Guarulhos eram os índios mais feios do

Brasil. A redução da relevância de alguns personagens ou grupos na história é algo comum por quem escreve as narrativas, seja em Guarulhos, seja em qualquer lugar. Possivelmente a imagem “gentil” e “inofensiva” atribuída era influenciada pelos relatos dos primeiros contatos e do início dos aldeamentos para a catequização dos gentios no Planalto Paulista. Finalmente a historiografia tenta corrigir um pouco essas narrativas distorcidas do nosso passado colonial, exigindo novas leituras. Benedito Prézia no seu artigo “Maromomi, os primeiros habitantes de Guarulhos: da perambulação ao aldeamento”, traz uma assertiva. `

Frente à escravização, os Maromomis tiveram três atitudes: aceita-las como um mal inevitável, reagir de forma guerreira ou fugir para o interior. A aceitação deve ser encarada como uma forma de sobrevivência e seguramente foi uma minoria que optou por essa saída. Muitos reagiram de forma violenta”. (PREZIA apud OMAR, 2009: p.69).

Boa parte das revoltas indígenas durante o século XVII no planalto paulista eram protagonizadas pelos índios

Guarulhos, Carijós e Guaianás espalhados entre as várzeas do rio Tietê ou nas florestas do Vale da Mantiqueira e Cantareira.

As revoltas indígenas se espalham entre os anos de 1650 e 1660. As cartas de testamento revelam, por exemplo, o acontecido com João Sutil de Oliveira e Maria Ribeira, vitimadas pelos gentios de nome “Guarulhos”. O inventário de suas posses revela que João Sutil era um sertanista, um bandeirante. Responsável possivelmente pelo apresamento de indígenas no Planalto Paulista. Essas revoltas tiveram ainda outras ações de libertação de cativos e de “justiçamento” aos captores, por todo o território que depois seria conhecido como Guarulhos e Mairiporã. Para Jonh Manuel Monteiro há uma explicação conjuntural para essas revoltas que não foram casos de exceção:

Sem dúvida, as diversas formas de integração do índio na sociedade escravista correspondiam a mudanças básicas pelas quais passava a população indígena. Durante o século XVI e anos preliminares do século XVII, quando o regime de administração particular ainda

estava em processo de formação, os colonos apoiavam-se em formas pré-coloniais de organização social para ter acesso à mão-de-obra indígena (...). Porém, uma vez firmadas as relações escravistas, no decorrer do século XVII reverteu-se este quadro, inserindo-se a população indígena numa nova realidade social. Os índios, por seu turno, sem condições de reproduzir plenamente as formas pré-coloniais de organização, procuravam forjar espaços próprios no interior da sociedade colonial. Esta busca, embora produzisse resultados no mais das vezes ambíguos, manifestava-se tanto na luta cotidiana pela sobrevivência quanto nas múltiplas formas de resistência. (MONTEIRO, 1994: p. 179)

Diferente da colonização no Nordeste, feita na região litorânea e que tinha sua produção voltada para o exterior, o povoamento do planalto paulista se deu no interior. Isso

propiciou o isolamento e o desenvolvimento do comércio interno. Os paulistas se especializaram na caça aos índios para vendê-los no mercado interno, contribuindo para a expansão das fronteiras, mas restringindo seus interesses e seus contatos ao território brasileiro. Essa restrição permitiu a miscigenação de culturas (a do colono com a do indígena), nem sempre amistosa e nem sempre cordial.

O nomadismo dos grupos indígenas no Planalto Paulista permite aventar a existência de uma permanente entrada e saída de índios no território do Aldeamento de Conceição dos Guarulhos e várias atividades em torno disso (captura, tropas, pouso, abertura de mato, etc.). As toponímias indígenas existentes em territórios próximos ao de Guarulhos (Guaianazes, Itaquera, Tatuapé,...) e as resistentes no próprio município, como – Baquirivu, Cocaia, Cumbica, Paraventi, Itapegica,... - nos permitem crer que o local era imerso na cultura nativa, assim como na capital. Soma-se ainda no caso de Guarulhos, festas populares centenárias como a da Carpição em Bonsucesso e Bom Jesus da Cabeça, no Cabuçu, ambas sincréticas em sua essência (PINHEIRO, 2006)

O trânsito era permanente, a ponto de cronistas se surpreenderem com o abandono que se encontrava o aldeamento dos *guarus* no século XVII, conforme Monteiro. Segundo o pesquisador, em 1660, “os camaristas encarregados de inspecionar o aldeamento tiveram uma surpresa ao encontrar apenas o capitão branco Estevão Ribeiro e o ‘índio principal’ Diogo Martins Guarulhos” (MONTEIRO, 1994: p.204).



Figura 3 Atividade cultural da AAPAH com participação do prof. Casé Angatu e outros parentes indígenas em frente à igreja da Matriz. Acervo AAPAH 2016/Bruno Leite de Carvalho.

A presença negra em Guarulhos

Outra presença marcante na formação da cidade é a dos negros africanos. Em 1795, por exemplo, são contabilizadas 249 pessoas caracterizadas como escravizados distribuídos no entorno das áreas de mineração. Apesar de não haver descrição precisa, possivelmente uma parte destes escravos era constituída por africanos usados também como mão de obra nas lavras de ouro de Guarulhos. Ainda em 1817, no início do século XIX um registro de proprietários rurais que indicava um inventário para partilha de bens, entre elas a de pessoas escravizadas na Freguesia de Conceição dos Guarulhos, apontava a presença de 183 pessoas consideradas escravas, pertencentes a 28 senhores.

Possivelmente uma das reminiscências mais relevantes da presença de africanos entre os escravizados é um caco de cerâmica encontrada no Garimpo do Ribeirão das Lavras pela arqueóloga Lúcia Juliani em 1983. Com traços em X, ela foi associada a uma possível presença de povos africanos. No livro *as Origens da Presença Negra em Guarulhos*, de Elton

Soares de Oliveira e José Abílio Ferreira, outras marcas da presença negra em Guarulhos são reveladas, sob o manto do trabalho compulsório (registros de escravos) e também em torno de atividades ligadas à terra, às práticas do catolicismo negro por parte das irmandades negras, tais como a construção de capelas pelos membros ou à participação em festividades tais como a folias de reis, congadas, moçambiques, catiras, etc.

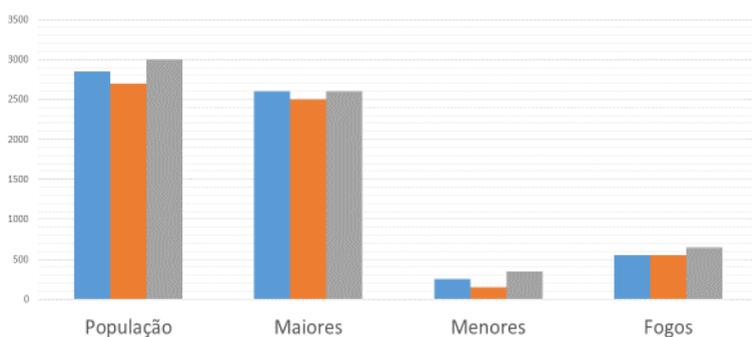


Figura 4 Caco de cerâmica encontrado no sítio arqueológico do Ribeirão de Lavras em 1983. Acervo desconhecido

O trabalho em Guarulhos durante o período colonial era essencialmente escravo. Desde a captura de indígenas até a inserção de africanos, boa parte dos trabalhos de roçados, por exemplo, no entorno do aldeamento Nossa Senhora da

Conceição dos Guarulhos era realizado por escravizados, seja de indígenas num primeiro momento, seja posteriormente a de negros.

Gráfico 1
População da Freguesia de Nossa Sra. Da Conceição de Guarulhos



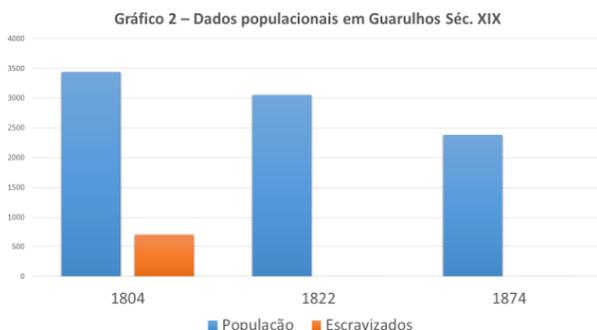
Fonte: Arquivo da Arquidiocese de São Paulo. Elaborado pelo PIPAG/Unifesp. 2016

O decréscimo da atividade mineradoras em toda São Paulo ao longo dos anos 1700 desorganizou a ocupação da então freguesia. Apresentam-se outras atividades, vinculadas ao plantio de trigo, algodão e milho, assim como a criação de gado, espelhando os padrões econômicos da Vila de São Paulo. A especificidade esteve presente na presença de atividade mineradora que atraíram e formataram caminhos de ocupação e exploração, assim como a manutenção das vilas e pousos, como Bonsucesso e São Miguel.

Não existem muitos dados populacionais sobre a Guarulhos colonial. Um registro utilizado foi o do Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Guarulhos que conforme indica o gráfico acima o número de róis confessos, que seriam pessoas da freguesia aptas a receber os sacramentos. Outro número que se apresenta é o das unidades domiciliares que abrangiam uma família estendida, chamada de fogos. Tal núcleo abrangia, além da família, agregados e escravos. Conforme revelado pelo Projeto de Inventário e Pesquisa Arqueológica de Guarulhos da Unifesp, tais números

evidenciam uma estabilidade da população na virada do XVIII para o XIX, apesar de possuir poucos detalhes quanto às etnias dos habitantes.

O gráfico a seguir revela um declínio demográfico populacional durante o século XIX, possivelmente associado ao esgotamento de atividades econômicas na freguesia, principalmente, a atividade mineradora. Outra hipótese possível é a do comércio interno a partir de 1850 que estimulou a venda de negros escravizados por conta do bloqueio ao tráfico no atlântico, concentrando-o nas mãos de grandes traficantes e proprietários rurais no Brasil traficando os escravizados já aqui introduzidos. Logo, pessoas escravizadas teriam sido levadas de Guarulhos para outras regiões de São Paulo ou Brasil.



Fonte: Livro *Origens da Presença Negra em Guarulhos*. 2016

Apesar de não mostrar o número de escravizados, possivelmente há um declínio conforme a diminuição da população total. Esse quadro não muda até o ano da emancipação de freguesia para vila. Em 24 de Março de 1880, Guarulhos tem o seu status elevado a vila, com a nomeação “Conceição dos Guarulhos”. Havia pouco mais de 3000 pessoas em todo o território da freguesia guarulhense no final do século XIX, na época da emancipação. Se somado Penha e Juqueri, que também integravam oficialmente a Vila Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, chegamos a pouco menos de 10 mil pessoas no imenso território que englobaria Guarulhos, o bairro da Penha e a cidade de Mairiporã.

Também no século XIX se inicia o aforamento de terras, processo influenciado pela Lei de Terras de 1850, que consolida a propriedade fundiária privada estabelecendo que o registro de propriedade fosse de responsabilidade do pároco da freguesia. No caso de Guarulhos, o vigário João Vicente Valadão entre os anos 1854 e 1856 lançou um total de 339 novos assentamentos. As localidades desses assentamentos

variavam na região do Lavras, do Itaverava, de Bonsucesso e do bairro de São Miguel. A intensa apropriação de terras revela uma tendência que se intensifica quando da emancipação da freguesia para vila: a apropriação dessas terras indígenas e antigos aldeamentos pelas elites locais.

Sobre os dados demográficos do final do século XIX , não há um recorte étnico, mas é de se imaginar que havia uma relevante presença negra na cidade, principalmente após a Abolição da Escravatura em 1888. A fixação da população negra em Guarulhos deve ser olhada a partir da Igreja do Rosário dos Homens Preto e a Capela de São Benedito, resquícios institucionais dessa forte presença, até por conta das ações das respectivas irmandades. Por fim, **a foto mais antiga datada na cidade (1906)** traz negros passando em cortejo na Igreja Nossa Senhora da Conceição,

aparentemente se dirigindo à Igreja do Rosário dos Homens Negros que ficava à frente.



Figura 5 Procissão do "Cristo Morto" em frente a Igreja Matriz em 1906. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos.

As irmandades eram espaços de socialização e de ajuda mútua, (compra de alforria) ao mesmo tempo em que funcionavam como instrumento de aproximação entre a Igreja Católica e os negros. Nesse processo de sincretismo religioso a liturgia cristã é reconstruída/resignificada a partir de referências africanas.

A Capela de São Benedito foi construída no início do século XX, no mesmo lugar onde antes existira outra capela de

mesmo nome destinada aos escravizados e indígenas e que pertencera à Ordem de São Benedito dos Homens Pretos, construída em 1873. A capela faz parte do itinerário de celebrações da Festa de Bonsucesso e pode ter abrigado a irmandade negra da região.

No caso Igreja do Rosário dos Homens Pretos, a construção é datada do século XVIII, como demonstram documentos existentes que tratam da entrada de recursos financeiros para a construção da capela e de casamento de irmãos da igreja (OMAR, 2013). Sua demolição em 1930, cujos motivos são discordantes nos documentos da época, seja para a construção de um clube para o cotidiano das elites brancas da cidade ou a retirada da designação “Homens Pretos” do nome da igreja, nos mostra como para a **história dos vencidos**, sempre escrita pelos vencedores, é reservada apenas uma sombra ao chão do frio concreto de um calçadão.

A reconstrução da Igreja do Rosário a partir de 1930 contou com a participação de membros da irmandade como mostra a imagem a seguir, assim como o seu nome

devidamente restaurado em 2010 como fruto da ação de ativistas e pesquisadores.



Figura 6 Trabalhadores, possivelmente da irmandade, trabalhando na construção da Igreja. Acervo Álvaro de Mesquita. s.d.

2 - GUARULHOS EMANCIPADA: MUITOS AFAZERES

A partir de 1880, sob a condição de vila, emancipada de São Paulo, são implementados regramentos para as atividades econômicas e a organização do trabalho. O número de moradores segundo o censo de 1874 era de 2.379 pessoas. Apesar de não haver dados confiáveis, possivelmente, parte deste contingente populacional que havia declinado durante o século XIX indicando um esgotamento das atividades mineradoras, era de escravos ou alforriados, sendo que a freguesia elevada a vila contava ainda com duas importantes localidades: Penha e Juquery.

A demanda por maior presença de um poder central, assim como pressão de elites locais levou a freguesia de Guarulhos, que congregava também os bairros da Penha e a cidade de Mairiporã (Juquery na época), ao status de vila autônoma.

Longe de ser um processo de ideais emancipatórios, o que houve em Guarulhos foi uma acomodação de forças locais que de modo artificial anexaram outras freguesias (Juquery e

Penha) e territórios que não tinham nenhuma ligação com a região do centro de Guarulhos, como Bonsucesso e Cabuçu.

O exemplo de João Álvares de Siqueira Bueno é singular. Natural de Guarulhos foi um dos principais articuladores da elevação da freguesia a vila. Durante a década de 1880 conseguiu se eleger como deputado provincial por duas vezes, além de vereador pela capital. Após a emancipação, conseguiu uma concessão de 50 anos da Câmara de Guarulhos para a constituição de uma linha de bonde.

A junção de interesses que facilitassem a dominação local e a exploração econômica levou a ação daqueles “próceres” cujas ruas carregam seus nomes na cidade.

Como vila emancipada de São Paulo, Guarulhos passa a registrar muitas cartas de aforamento (documentos de concessão pública) não apenas para terras, mas para a exploração de determinadas atividades comerciais tais como o corte de madeiras, a implementação de uma linha de bonde, como já citado e abastecimento de água. Contando já com juiz

de paz, inspetores de quarteirão e uma câmara com vereadores, são arrazoadas todo tipo de atividades econômicas, em grande maioria para os próprios vereadores ou para seus compadrios. Um acontecimento revelador do que era a cidade e a organização do trabalho neste período foi o conflito em relação à freguesia da Penha de França, então bairro de Guarulhos para a cobrança do uso dos carros de boi de frente à igreja. Aparentemente era uma das formas mais rentáveis para os cofres públicos e razão das lamentações da Câmara de Guarulhos quando Penha passa a ser bairro da capital em 1896, desmembrando-se juntamente com Juquery, hoje Mairiporã.

Em 1900 aparece uma primeira súmula que traz atividades comerciais realizada na cidade, com a quantidade de pessoas empregadas e a produção de aguardente, arroz, café, feijão, milho, tabaco, carvão, vinho, criação de cavalos, porcos e abelhas. É também organizada a iluminação, a pavimentação e o transporte a partir de 1913, com a Light & Power, executora dos serviços de iluminação e pavimentação,

e a **Tramway Cantareira com** o ramal saindo da estação Guapira em São Paulo. Outra atividade econômica que se sobressai a partir do século XX é a instalação de olarias.

Entre os períodos de 1890 e 1950, com a vila já emancipada, crescem as solicitações por aforamento perpétuo, transferência ou remissão de foros. Ora o que eram essas solicitações? A partir da promulgação da Lei de Terras em 1850 é regulado o surgimento dos latifúndios privados que poderiam ter caráter de arrendamento ou *enfiteuse* (aforamento). O aforamento era feito principalmente em terras em que não havia documentos de posse, denominadas como “Terras de Índios” ou terras incultas. Conforme artigo na revista do PIPAG,

A literatura sobre urbanização no território brasileiro entre os séculos XVI e XIX tem mostrado que o aforamento foi importante para o povoamento de muitos municípios brasileiros, por promover a ocupação de terras incultas ou impropriamente cultivadas.”(PLENS, 2015, p. 184)

Na mesma publicação é enfatizado o surgimento de um mercado de terras que será característica da ocupação territorial de Guarulhos, ocupação essa ligada a agricultura (trigo, mandioca e algodão principalmente), criação de muares e apoio as tropas.



Figura 7 A boiada adentrando a principalmente rua de Guarulhos, em frente a Igreja da Matriz. Acervo do Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos. 1930

O desenvolvimento pequeno da economia cafeeira no município restringiu a atividade agrícola e de pecuária, logo também o desenvolvimento de outros atributos: a utilização de mão de obra livre, crescimento das ferrovias, organização de uma estrutura industrial, a chegada de mais imigrantes, a

criação de estabelecimentos financeiros voltados ao desenvolvimento da cafeicultura. Neste sentido, a primeira metade do século XX, parte da agricultura, assim como a criação de gado vai ser voltada para o abastecimento da cidade de São Paulo e o mercado interno.

As olarias em Guarulhos

A partir de 1870, a imigração trouxe milhares de europeus para o território paulista. Parte dos italianos, alemães, espanhóis e portugueses se fixaram em Guarulhos. Apesar das primeiras tentativas de produção cafeeira, essa monocultura foi secundária como atividade econômica. As condições naturais existentes em Guarulhos (água, argila, madeira, areia e pedra) e a proximidade com a capital paulista possibilitaram o desenvolvimento de uma nova atividade econômica baseada no tijolo cozido.

A chegada de imigrantes europeus na cidade causou transformação no sistema de produção artesanal de tijolos, que se tornou o primeiro tipo de indústria de Guarulhos com

um complexo sistema de transporte, aproveitando-se da navegabilidade dos rios que serpenteavam pelo território, tais como o Tietê e o Baquirivu.

O consumo de tijolos cozidos na capital São Paulo, utilizados desde o final do século XIX com incentivo da cultura cafeeicultora na construção de galpões, vilas operárias, pontes, igrejas, prédios, moradias etc., fez aumentar a demanda, concorrendo para a ampliação do número de olarias, fábricas e, conseqüentemente, para a diversificação econômica constatada em Guarulhos no início do século XX. Por exemplo, em 1900 havia produção de arroz, feijão, criação de gado, vinícolas e 30 engenhos de cana, nenhuma olaria. Em 1929 já aparecem nos registros 31 olarias.

No bairro da Ponte Grande existiu o Porto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, um dos locais de escoamento da produção de tijolos e areia, via Rio Tietê, para a capital. Essa economia concorreu e propiciou a abertura de novas estradas, ampliação do comércio, incremento do rebanho bovino. Por

outro lado, reduziu- se o número de engenhos voltados para a produção de cachaça em Guarulhos. Na imagem a seguir podemos ver a convivência desses trabalhos numa única foto:



Figura 8 anterior Foto aérea do antigo Matadouro (hoje Tiro de Guerra) e ao fundo as Olarias na região do rio Tietê. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos. s/d.

Em 1911, foi implantada em Guarulhos a primeira indústria voltada à produção de telhas e tijolos (Cerâmica Paulista) e logo em seguida foi inaugurada a estação da Vila Galvão. Com o surgimento da fábrica de cerâmica, aparece também um clube chamado “União Operária Beneficente

Portuguesa” em abril de 1917. Em conjunto com trabalhadores da estrada de ferro do trem da Cantareira, a associação era voltada para a organização de um grupo de teatro da cidade (Sociedade Dramática Recreativa União) e divulgação de ideais da luta operária, provavelmente sob forte impacto das greves em São Paulo no ano de 1917.

Essa atividade se expandiu pela cidade durante muitos anos. O crescimento das olarias e de toda a manufatura envolvida (lenha, carvão), assim como a diversificação de produtos (telhas, tijolos, cerâmicas,) e a logística envolvida (barcos, portos de extração), acompanhou o desenvolvimento da capital na primeira metade do século XX. Nos bairros Água Azul e Lavras até bem pouco tempo era possível encontrar os fornos mais preservados do Município. Em 1960, Guarulhos chegou a ter 260 olarias e cerca de 520 fornos para queima de tijolos. O livro “Do barro sem forma sai a forma do sonho... do sonho que se desfaz em pó”, dos autores João Machado e Antonio Cerveira de Moura, traz fragmentos de memórias de olarias na cidade, como a de Valadar Dehin, localizada na

região de Bonsucesso e cujas ruínas permanecem até os dias de hoje. Os autores apontam que algumas dessas olarias ainda funcionavam a pleno vapor na década de 1970, convivendo com as modernas indústrias da cidade.

Regulamentação do trabalho – década de 1930

As atas da Câmara de Guarulhos contêm os registros das principais atividades econômicas do município. Elas demonstram a organização dos grupos sociais da cidade e suas localidades. Além de detalhar algumas das primeiras atividades econômicas do município emancipado.

Em 17 de Agosto de 1912 uma solicitação à Câmara chama atenção: o uso de charretes aranha para o transporte de pessoas até o bairro da Penha. A Câmara de Guarulhos peticionava junto ao prefeito de São Paulo, na época o Barão de Duprat, para que os cocheiros da cidade não sofressem a exigência do fiscal local de portar registro de condutor para o bairro da Penha. A questão do uso de serviços de transporte de pessoas ou material aos olhos distantes do tempo, indica

que esta era uma atividade de grande preocupação por parte dos administradores da época. A documentação dos “motoristas” revela a cidade que se forma em torno das idas e vindas das carroças puxadas por cavalo e até dos primeiros automóveis.

No Arquivo Histórico de Guarulhos, o 1º livro de Registro de Cartas e de Cocheiros detalha os nomes dos condutores de veículos, apresentando informações de perfil: nome, idade, estado civil, naturalidade, filiação, residência, cor, altura, instrução, veículo, tração do veículo, número de chapa, da licença, data de expedição da carta. Abaixo destas, informações gerais das renovações das licenças e também de aquisições de veículos e outras licenças. Eram 102 pessoas registradas, entre esses trabalhadores, muitos eram italianos, espanhóis e portugueses, como por exemplo o patriarca da família Poli, Sr. Nello Poli com o registro de três carroças puxadas a cavalo. Outra família é a Testai, com o Sr. Augusto indicando a aquisição de outros veículos.

Além deste primeiro livro, há outros com o registro dos motoristas da cidade. Estes documentos mostram a chegada dos primeiros automóveis e também o início das atividades de transporte na mão de alguns personagens. Em documento de 1912, veem-se detalhadas as trocas de veículos, indicando a concentração na mão de algumas famílias. Uma delas, a família Soquete, originária da Itália com três integrantes registrados para uso de veículo.

A ausência de pessoas negras também pode demonstrar certo embranquecimento no uso de veículos, lembrando que falamos de um tempo diferente, em que o registro da carta está condicionado a ter o veículo, o que não quer dizer que não houvesse pessoas donas de carroças sem registro.



Figura 9 anterior Foto imagem do 1º livro de Registro de Cartas e de Cocheiro de Guarulhos. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos.

Outra relevância é o caso acontecido com certo José dos Santos que aparentemente perdeu a carta e solicitou à Prefeitura de Guarulhos em 1936 uma “segunda via”, constando informações de que não havia nos registros os documentos da primeira carta. Entretanto, tanto a solicitação de José dos Santos, quanto os trâmites documentais constam deste registro. É de pressupor a existência de um livro anterior que possivelmente se perdeu. Outro dado que aparece no

livro é o surgimento do automóvel como um veículo de transporte de pessoas, substituindo a carroça com tração animal.

Os livros do registro de carta apresentam possivelmente um ambiente de normatização da vida pública, organizando o uso de carroças e dos primeiros automóveis. A quase ausência de motoristas negros (neste documento aparecem dois e sem indícios de renovação) reforça uma perspectiva de serviço que passa a ser realizado pela população branca e imigrante da cidade que toma forma. População essa que era minoritária em comparação aos brasileiros, mas que passam a desfrutar de privilégios e facilidades, em detrimento da maioria da população negra, mestiça e pobre. Tal perspectiva é reforçada no levantamento realizado por Casé Angatu no seu livro **Nem Tudo era italiano São Paulo e Pobreza (1890-1915)**.

Tabela 1 – População de Guarulhos por nacionalidade 1912 - 1940

ANO	TOTAL	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS	ITALIANOS	PORTUGUESES	ESPAÑHÓIS	ÁRABES	JAPONÊSES	ALEMÃES	OUTROS
1912	7.000	4.950	2.050	1.800	100	75	50	-	-	25
1940	13.439	11.382	2.057	411	618	149	-	433	268	178

Fonte: 1912 – Padre Celestino, 1913 // IBGE 1948 & (Camargo, 1952. in: EMPLASA – VOL 2, 2001, p. 53)

As fotos e o livro aberto pelo prefeito da época, José Maurício de Oliveira, estabelecem para nós, expectadores de outro tempo, a importância dessa tarefa. Havia a concentração na Av. Guarulhos de quase todos os residentes constantes dos registros, com exceção de alguns casos da Vila Galvão. A data de expedição pode indicar também a chegada das famílias a Guarulhos, sendo outro indício da aparição desses imigrantes na cidade que vão se ocupar principalmente do comércio e dos serviços.

O uso de carros de bois indica não apenas o uso particular, mas a organização de uma atividade em torno do transporte de pessoas e mercadorias pela cidade. As imagens a seguir sugerem a diversificação dessa atividade, quando os carros de bois passam a ser trocados pelos choferes na frente da Praça Tereza Cristina:



Figura 10 A rua Dom Pedro II em 1935. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos. 1935



Figura 11 Outra imagem da Dom Pedro II a partir da vista da antiga Igreja do Rosário. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos. s/d.

Outra atividade associada aos bois era o comércio de carnes. O Matadouro Municipal foi inaugurado em 1929, na beira do Rio Tietê sendo o serviço explorado pela família de

Gino Montagnani. O primeiro matadouro ficava onde é hoje o Tiro de Guerra, localizado no bairro Porto da Igreja. O crescimento da cidade e a demanda por cabeças de gado para abastecimento do mercado interno incentivou a criação de um matadouro maior e mais moderno. Nesta conjuntura foi inaugurado em 1954 o frigorífico Mercantoni, na rua Sertaneja, no bairro do Macedo. Empregando mais de 150 pessoas e capaz de abater 5000 bois mensais, essa indústria visava atender ao crescimento da demanda por carnes nos frigoríficos. Entretanto em torno dessa atividade, conformou também uma série de práticas e impactos urbanos. No caso de Guarulhos era o transporte dos bois pelas ruas que eram inadequadas para essa atividade. O gado era desembarcado na estação de trem de Pirituba e conduzido até Guarulhos sob a batuta dos vaqueiros. Conforme relatos, passando principalmente pela avenida/rua Dom Pedro II, o barulho dos bois dava a impressão aos moradores que as paredes das casas rachariam. Na frente, os funcionários do matadouro, cobertos de poeira, avisavam às pessoas da chegada do gado. Além desse inconveniente, outro que ficou na memória dos

moradores foi a infestação de urubus no entorno, associado ao cheiro e aos dejetos que iam para os córregos. A referência de modernidade no abatimento de bois conduzia a uma série de inconvenientes difíceis de conciliar em uma cidade que se transformava. As boiadas, que desfilavam tranquilamente pelas ruas da cidade e que possivelmente eram vistas como uma parte monótona e cotidiana de sua paisagem, deixariam de sê-lo à medida que as ruas iam sendo mais e mais ocupadas.

Industrialização em Guarulhos

Os estudiosos sobre o processo de industrialização de Guarulhos costumam dividir este processo em duas fases. Uma que seria entre 1911 e 1945, iniciada juntamente com a difusão das olarias pela cidade que gerava uma produção agregada em torno do comércio de tijolo cozido, os incrementos industriais advindos com o impulsionamento do mercado interno durante a “Era Vargas”, mas também pela política de substituição de importações. A segunda fase começaria em 1951, no esteio da chegada das multinacionais

às margens da rodovia presidente Dutra, ampliada naquela década.

Nesta primeira fase, além da Cerâmica Remy na Vila Galvão que inaugura a indústria mecanizada na produção de telhas e tijolos, em 1919, Giuseppe Saraceni e família chegaram a cidade e se instalaram próximo à Avenida Guarulhos, criando a primeira indústria de sapatos, alpargatas e artefatos de couro da cidade. Também é inaugurada em 1923 a Empresa Carbonel, de tecelagem e ainda entre as décadas de 20 e 30 são inaugurados os Moinhos Reisa, de moagem de grãos e fabricação de farinha na Vila Augusta. Posteriormente, o matadouro municipal (1929) sob o controle de Gino Montagnani e por último a Cerâmica Brasil no Macedo que mais tarde viraria a Casimiras Adamastor na área têxtil.

No início da década de 1940, Guarulhos já contava com 58 fábricas, que empregavam 624 trabalhadores em atividades industriais. As edificações fabris se concentravam no Centro e nos bairros do Gopoúva, da Vila Augusta, de Itapegica e da

Vila Galvão, principalmente no entorno de algumas estações da linha férrea.

Além da industrialização, atividades comerciais também a acompanhavam com as mercearias, os armazéns de secos e molhados, além de 31 olarias. A concessão de serviços públicos se expande com atividades ligadas à iluminação pública, o transporte, à abertura de vias e às escolas, com o surgimento de grupos escolares com seus professores responsáveis. As principais avenidas da cidade era Guarulhos e a Dom Pedro II que concentrava boa parte das atividades econômicas da cidade como padaria, confeitaria, açougue, cabeleireiro, farmácia, alfaiataria, sapataria e farmácia.

Esse incremento das atividades econômicas potencializou possivelmente as primeiras formas de organização de trabalhadores, das quais infelizmente não se tem muitas notícias ou referências. Nos documentos oficiais, um dos primeiros movimentos organizados relatado, voltado à regulamentação de transporte coletivo, aconteceu em 1928. Por outro lado, são presentes nos logradouros públicos os

sobrenomes de políticos da cidade relacionados à exploração das atividades econômicas. São prefeitos, vereadores cujos sobrenomes são vistos em placas de rua da cidade, mas também associados às mais diversas atividades comerciais, industriais e de serviços. Um bom mote para iniciar as discussões sobre economia, trabalho e poder, é observar os sobrenomes que concorrem simultaneamente em todas as áreas, como apontado por Casé Angatu (SANTOS, 2006): Testai, Romano, Bonanata, De Rício, Faccini, Lombardi, Martello, Fanganiello, Fantazinni, Poli, Rinaldi, Panunzio, Brancaleoni, Vasconcelos, Mesquita, entre outros.

O final da década de 1940 acompanhou o início de um novo período industrial em Guarulhos. A partir dali e especialmente durante as duas décadas seguintes, 1950 e 1960, houve um aumento extraordinário no número de indústrias instaladas no município com a chegada das multinacionais e a ampliação dos setores produtivos. O setor têxtil, que nas décadas de 1910 e 1920 era o que possuía maior destaque, teve sua participação reduzida proporcionalmente

no cenário industrial de Guarulhos, assim como as indústrias de alimentação. Por outro lado, a metal-mecânica mais do que dobra a participação, além do surgimento de outros setores como a eletrônica.

O impacto visível é o crescimento populacional, que passa a dar grande salto a partir da década de 1950. A chegada das indústrias serve como atrativo para o surgimento de loteamentos, alguns voltados para indústria, outros para moradias.

Em 1945 é implementado o loteamento Cidade Industrial Satélite de Cumbica, voltado para a instalação de novas plantas industriais na região. Um dos impactos desse movimento é o crescimento de moradias irregulares promovido pelos trabalhadores, nas margens de córregos muitas vezes sem nenhum tipo de infraestrutura ou amparo, em busca de locais próximos às empresas. Esse movimento se torna cada vez mais comum em Guarulhos influenciado definitivamente pela ausência do poder público na organização e planejamento urbano. O crescimento por via da periferação é conexo com a falta de melhores condições para

adquirir imóveis em regiões centrais ou próximas ao trabalho, devido à inoperância do poder público. Logo, a periferização dos bairros afastados de Guarulhos coaduna com as necessidades sociais de uma parcela da população marginalizada quando se trata da questão da relação moradia e investimento público. Tal processo se intensifica na cidade a partir da década de 1970.

A partir de 1950, indústrias importantes para a cidade foram instaladas, como a Olivetti, em 1956, que produzia máquinas de escrever, a Phillips do Brasil, fabricante de lâmpadas, televisores, rádios e outros aparelhos eletrônicos, inaugurada em 1960. Ambas instaladas às margens da Rodovia Presidente Dutra, nas regiões de Itapegica e Ponte Grande, respectivamente. Correspondiam, com outras indústrias, ao setor de bens de consumo duráveis no período em questão. Outras empresas se instalam no entorno da mesma rodovia, inaugurada em 1958 e no perímetro de outros bairros: Microlite, Toddy do Brasil, Asea Elétrica S.A, SKF do Brasil, Norton S.A Indústria e Comércio, Máquinas York, entre tantas outras.



Figura 12 A Microlite, multinacional que chega em Guarulhos durante a década de 1950 no bairro da Vila Augusta. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos/Folha Metropolitana. 1981.

Guarulhos vestindo a camisa da indústria

A coexistência de tantas indústrias na cidade de Guarulhos não foi esquecida no momento da composição do hino quando das comemorações do IV Centenário da cidade em 1960. A poetisa Nicolina Bispo, vencedora do concurso junto com os maestros Aricó Junior e Wenceslau Nasari Campos, não se esqueceu de fazer referência às indústrias da cidade “Chaminés, como lanças erguidas //Nos apontam o caminho a seguir//Trabalhando, vencendo empecilhos”. Esse abraço entre os representantes da cultura local e os industriais

se manifesta também no livro “Guarulhos Cidade Símbolo”, de Adolfo Noronha, com imagens aéreas das empresas citadas e verbetes amistosos sobre o seu papel. Como veremos à frente, essa coexistência nem sempre foi tranquila para os trabalhadores. Entretanto, é perceptível um substrato de costumes e tradições em que a presença das indústrias e sua forma de existir pautam o cotidiano da cidade de Guarulhos, refletindo assim certo “orgulho” em pertencer a essa ou aquela fábrica. Temos como exemplo os campeonatos entre empresas que mobilizavam cobertura do mais conhecido jornal local, a Folha Metropolitana, acendendo “rivalidades” entre trabalhadores do mesmo setor muitas vezes. Elmi El Hage Omar no artigo “*Philips: fábrica desativada transformando-se em campus universitário*” (OMAR, 2009) faz menção ao recrutamento ideológico por parte da Phillips, uma espécie de captura da mentalidade dos trabalhadores com a formulação da chamada “Família Phillips”, importante na construção de uma imagem positiva da empresa e obviamente buscando minimizar efeitos de possíveis queixas trabalhistas. A Pfizer, por sua vez, possuía um clube para funcionários e um

restaurante aberto à comunidade, entre outros exemplos que poderiam ser aqui pincelados.

A importância que teve a industrialização para a cidade de Guarulhos é indiscutível, afinal, a partir desse processo, o desenvolvimento do município acelerou-se, modificando a estrutura sociopolítica e econômica da cidade, que se tornou um polo industrial significativo para o País, alvo de migrações e exponencial crescimento populacional.



Figura 13 Clube da Pfizer para funcionários. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos. 1993

Incentivado pelas elites locais, principalmente quando da realização “1ª Exposição da Indústria Guarulhense”, em 1956 no Parque do Ibirapuera, foi instalado um expressivo conjunto de indústrias voltadas para a transformação de pequeno, médio e grande porte. Em certa medida, a industrialização em Guarulhos tem o marco também de trazer uma transformação urbana complexa, sendo a periferização dos bairros adjacentes a área central uma das consequências, reforçando ainda mais as disparidades territoriais da cidade. Acentuavam-se as desigualdades sociais e econômicas, segregando os espaços, ao mesmo tempo em que se alimentava a vocação da “cidade industrial” por parte do governo local, que concedia isenções de impostos municipais por décadas às empresas que se instalavam pela cidade.

Guarulhos tornou-se, ao longo do tempo, uma cidade industrial. Para que isso fosse possível, contou com incentivos governamentais e com fatores geográficos favoráveis. Além disso, é importante retomar a questão da migração, que foi um processo intenso e inter-relacionado com o desenvolvimento

industrial do município, o que influenciou na configuração espacial e populacional da cidade.

O bairro de Cumbica pode servir como retrato da contradição que veremos a seguir: criação de um loteamento voltado para a indústria, cercado de generosos incentivos fiscais; ocupação do seu entorno pelos trabalhadores em busca de melhores condições de vida; segregação espacial promovida pelo poder público que asfalta avenidas principais, mas foi incapaz de garantir o mínimo de infraestrutura para as habitações; por fim, conspirações emancipacionistas unindo todos (industriais e trabalhadores) contra o poder municipal. Voltaremos a esse assunto.

3 - MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES. GREVES E SINDICALISMO



Figura 14 Transportadores de carga param a Via Dutra. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos. 1990

Este capítulo apresenta análises acerca dos movimentos de trabalhadores e do sindicalismo em Guarulhos na segunda metade do século XX, contemplando períodos de préditadura, ditadura e reabertura. As fontes utilizadas para tal são recortes de jornais da época, com destaque para o “Repórter de Guarulhos”, além de panfletos dos próprios sindicatos.

A partir desse conceito, podemos inferir que em Guarulhos há, em meados do século XX, a conformação de uma classe operária, migrantes de realidades e culturas díspares, que se unificam enquanto classe operária guarulhense por estarem submetidos a um mesmo espaço/tempo, dividindo um mesmo local de trabalho e colocação na lógica produtiva capitalista.

Nos anos 30, isenções fiscais atraem um grande número de indústrias para Guarulhos, inclusive multinacionais como Norton Meyer e a Harlo do Brasil. Até 1945, as indústrias da cidade se concentravam na região central, num eixo que ia da Vila Galvão até o bairro do Macedo, devido a uma maior proximidade com a capital e a já citada linha de trem.

Nos anos 1940 e 1950, a população da cidade cresceu com a chegada de grande número de trabalhadores nacionais, e muitos deles se empregaram na construção da Base Aérea de Cumbica. A partir desse momento, as indústrias passaram a se instalar, sobretudo, na região de Cumbica. Assim, a

principal concentração industrial da cidade deixou de ser o centro e passou a ser as Zonas Leste e Sul, próximas da rodovia Presidente Dutra.

Esse processo de industrialização favoreceu a concentração de renda e exacerbou as diferenças de classe. A via Dutra era um divisor simbólico e material dessas diferenças, cortando a cidade, de um lado com os mais abastados e do outro se aglomeravam as habitações precárias dos operários que vinham para trabalhar nas fábricas.

Em 1950, o município tinha 220 olarias, 40 portos de extração de areia e pedregulho e 90 grandes indústrias e pequenas fábricas. As indústrias eram, sobretudo, têxteis, e de aguardente, fubá, couros etc. Entre 1953 e 1956, **143 novas indústrias** de médio e grande porte se instalaram no município, nas margens da Dutra e da Fernão Dias, nos trechos que cortam Guarulhos. Isso teve como repercussão um enorme aumento populacional e mudanças dos costumes e da composição social do município.

Além disso, a proximidade com a capital, o crescimento da presença operária permitiu que Guarulhos tenha papel de destaque nos grandes movimentos grevistas organizados no estado.

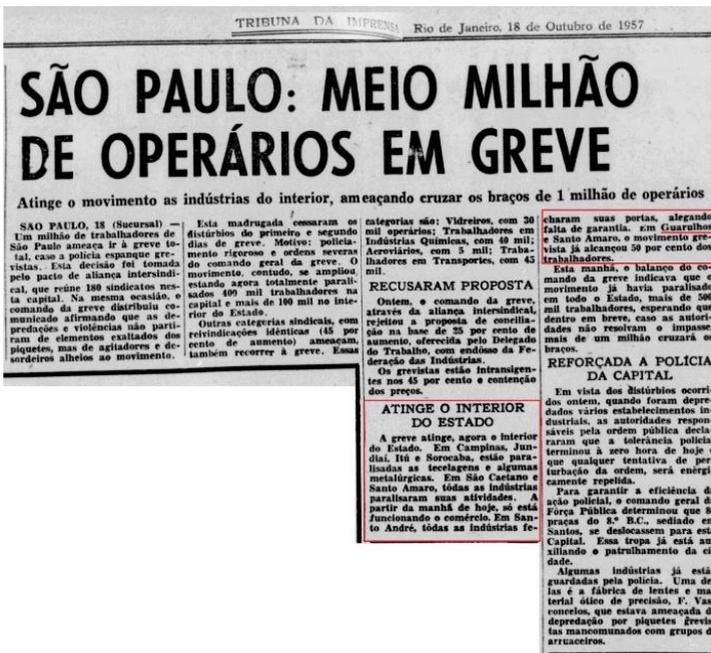


Figura 15 Notícia do jornal Tribuna da Imprensa, de 18 de outubro de 1957

Em sua edição de 18 de outubro de 1957, o jornal Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, destaca uma grande

greve, com mais de 500 mil trabalhadores em todo estado de São Paulo, participação expressiva de Guarulhos, na luta por um reajuste salarial de 45%.

O primeiro sindicato de Guarulhos, a Associação dos Condutores de Guarulhos e Arujá em 1956 é o embrião do sindicato surgido em 1958. Nesse esteio outros sindicatos são criados. Esse começo de organização dos trabalhadores se realiza em um quadro, como dito, de profunda transformação urbana e econômica. O crescimento econômico verificado no período se manifesta principalmente na concentração de poder econômico de poucas famílias, sendo sustentado pela comercialização de grandes terrenos e investimentos nas grandes plantas industriais. Concomitantemente, o aumento populacional e as mazelas urbanas se tornam notórias, apresentando uma cidade que não consegue se planejar para receber esse novo contingente, sendo que formas de organização de trabalhadores se tornam muito mais comuns nos bairros.

Algumas histórias parecem se repetir na cidade, por exemplo, quando a população trabalhadora chegava de mais um dia de trabalho e aquele ponto final que poderia estar um pouco mais próximo de casa, uma reivindicação antiga da comunidade, mas nunca era atendida. Até que um belo dia, ou noite, o ônibus é levado na marra pelos moradores, já que a chuva ou o lamaçal do caminho trazia ainda mais dissabor ao cotidiano duro. Na cidade de Guarulhos histórias como a mostrada pela reportagem a seguir quando moradores do Taboão sequestraram um ônibus para subir até o Jardim São Domingos depois de várias solicitações à prefeitura para a correção do itinerário se multiplicavam nos jornais nos anos 70. História parecida é encontrada em bairros como dos Pimentas, Vila Carmela, Jardim Presidente Dutra e outros.

Moradores sequestram ônibus como protesto

Os moradores do Jardim São Domingos, Taboão, cansaram de estar mandando há dois anos abaixo-assinados à Prefeitura pedindo a extensão da linha do ônibus Praça 8 até o bairro. Resolveram então sequestrar um desses coletivos e fazer uma viagem simbólica até o novo ponto final. Foi num domingo à noite desse mês de outubro, que cerca de cem moradores desceram do bairro portando faixas que diziam: «Queremos ônibus em São Domingos»; «Se com essa não conseguirmos, na próxima vamos pôr fogo nos ônibus».

Quando um ônibus chegou pelas nove e meia da noite e o motorista viu aquela multidão, comentou: «Será que alguma firma doida resolveu trocar o dia pela noite no verão?». Logo viu que não. Os passageiros se explicaram: «Queremos subir até o alto do Jardim São Domingos. Anote o número da catraca para você e o trocador não terem prejuízo».

O motorista não tinha saída e lá se foi o coletivo parando simbolicamente em cada um dos novos pontos até chegar ao ponto final. A viagem foi rápida porque são só dois quilômetros, fáceis para um veículo, mas difíceis para o pedestre que tem que andar no pé, na lama ou na escuridão.

Chegados ao novo ponto final, os próprios moradores resolveram enviar uma delegação com o trocador e sua féria até a delegacia de polícia para comunicar a ocorrência e mostrar as suas intenções apenas de alerta aos responsáveis pelo transporte da população. A polícia resolveu desnecessariamente buscar os «sequestradores» e levou uma trinta para serem fichados e interrogados sob a acusação de sequestro. O delegado queria saber quem eram os líderes e o pessoal falou: «É todo mundo».

A história toda terminou à uma hora da manhã, quando os trinta foram conduzidos de volta ao

Jardim, pelo mesmo ônibus que haviam «sequestrado», acompanhados de um inspetor da empresa. O funcionário constatou no local que existiam todas as condições para o ônibus subir e não sabia porque não acontecia isso. Os trabalhadores que faziam o protesto sabiam porque: as autoridades e os donos da empresa não estão interessados no drama diário de condução que vive o povo dos bairros!

Depois do «sequestro» a Prefeitura resolveu arrumar a estrada que leva ao bairro e um candidato atual muito ligado ao prefeito prometeu que até as eleições o ônibus subiria. É agora vai subir mesmo, não por obra do candidato, mas porque a empresa começou a ver que os moradores esgotaram a paciência. São cerca de 5 mil pessoas, moradores deste Jardim e dos Jardins Belvedere e D. Méri, que vão ser beneficiados por um transporte que é um direitos mais elementares que eles têm.

Figura 16 - Notícia do jornal Repórter de Guarulhos, de setembro de 1978

O atendimento da reivindicação após o ato político não era comum naquele momento, porém sinalizava que valia a pena lutar. Essas formas de luta se diversificam com os sindicatos e depois associações. Em um processo concomitante com o surgimento de sindicatos em Guarulhos, temos também o fortalecimento da associação de moradores que formavam o seu esteio principalmente em clubes e sociedades que já eram comuns em alguns bairros, como por

exemplo o Clube de Futebol União Tietê surgido no bairro da Ponte Grande em 1921 e que além do time de futebol promovia vários eventos sociais para os moradores e trabalhadores do bairro. As SAB (Sociedade Amigos do Bairro) são o passo seguinte, principalmente com o crescimento populacional e a diversificação de necessidades. Entre outros movimentos também estão as pastorais católicas ligadas às paróquias de igrejas tradicionais da cidade (Vila Fátima, Gopoúva, Taboão e outras) voltadas ao atendimento da população carente, mas principalmente à organização de grupos de alfabetização de adultos.

No artigo *“Os significados da emancipação para a periferia de Guarulhos”*, publicado no livro *Signos e Significados em Guarulhos (identidade urbanização e exclusão)*, de 2014, a historiadora Ellen Tais Santana explica o surgimento das Sociedades Amigos do Bairro como entidades heterogêneas, agregando além de trabalhadores urbanos, também comerciantes, empresários, profissionais liberais e outros. Homens e mulheres conformando assim uma aliança em

torno da questão urbana principalmente. Serão priorizadas ações por meio de abaixo assinados, principalmente para o saneamento básico e transporte público, mas também apoio e solidariedade às lutas contra a carestia e greves sindicais a partir da década de 1980. As difusões de interesses dentro desses movimentos construía(m) identidades diferentes nestes grupos. Eram SABs com perfil mais aguerrido que se vinculavam diretamente aos partidos de esquerda que reapareciam na cena política ao final da década de 1970, e outros que assumiam um perfil mais conservador e resistente aos partidos, ainda assim não deixando também de protagonizar ações reivindicatórias. Talvez um exemplo dessa difusão de interesses e alinhamento de ideologias diferentes, pode ser vista na mobilização em torno da emancipação do bairro de Cumbica que agregou atores diferentes, aparentemente inconciliáveis, como empresários, trabalhadores, ativistas de diferentes “colorações” e igreja.

A ditadura militar no Brasil e os trabalhadores de Guarulhos

Entre os anos de 1960 e 70, a cidade de Guarulhos presenciou um arrefecimento das mobilizações de trabalhadores, principalmente com o aumento das perseguições e prisões políticas durante a década de 1960. Em um espaço de três anos, quatro sindicatos surgiram na cidade de Guarulhos: sindicato de motoristas e cobradores (1958), construção civil (1960), têxteis e metalúrgicos (1961).

Ainda em 1961 durante os anos anteriores ao golpe há relato de mobilizações de trabalhadores em fábricas de Guarulhos. O Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos fundado em 1962, teve durante dois anos, até a intervenção por conta do golpe de estado em 1964, intensas atividades de mobilizações, conforme contado pelo seu presidente destituído na época José Mathias, em entrevista dada ao Jornal Repórter de Guarulhos em maio de 1979. Mathias conta bastidores de ações grevistas contra algumas indústrias, como a Laminações Santo Estéfano quando esta demitiu um

dirigente sindical e foi obrigada pela força dos trabalhadores revisar a decisão, assim como as grandes greves de 1963 por aumento salarial. A intervenção sindical foi realizada pelo conhecido Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão que depois seria presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Após o golpe de 1964, com o apoio cívico das principais lideranças políticas da cidade, a ditadura é celebrada na Câmara Municipal da cidade, conforme relata Wellington Alves no livro *Os anos de chumbo em Guarulhos: uma história não contada*:

A classe política se reúne em sessão extraordinária às pressas na Câmara Municipal para fazer uma vigília cívica pró-golpe a fim de mostrar a fidelidade dos políticos locais ao governador Ademar de Barros – e evitar deposições. Na prática, a medida visava deixar o legislativo aberto permanentemente para mostrar apoio aos militares até a conclusão do golpe. (ALVES, 2014: p.19)

Essa “aliança” das classes políticas de Guarulhos, que depois provariam do arbítrio direto da ditadura quando da intervenção federal com a cassação do prefeito eleito Alfredo Nader em 1970 e o inquérito contra quase toda classe política, culminando na nomeação de Jean Pierre Herman de Moraes Barros como interventor, não se refletia em parte importante dos trabalhadores, que, se de fato não se mobilizavam naquele momento era devido à imposição de um período intenso de perseguições, torturas e assassinatos principalmente durante os anos de Emílio Médici como presidente-ditador (1969-1974), mas buscavam resistir de outras maneiras, mesmo que custasse a própria vida.

A morte de uma liderança operária em 1966 é um dos episódios sem explicação na cidade. Isídio Cabral de Jesus era presidente do Sindicato dos Condutores de Guarulhos. Ele foi encontrado morto na sua sala, com um tiro ao lado esquerdo da cabeça e uma arma ao lado. Mesmo tendo sido considerado suicídio, pois conforme relatos dos membros da diretoria,

Isídio tinha o hábito de brincar com revólveres (costume desconhecido e negado por parte da família), o caso não foi investigado. Em depoimento para a Comissão da Verdade da Câmara Municipal de Guarulhos em 2015, foi relatado por seu cunhado que um comandante da Base Aérea teria dito, ao saber da morte de Isídio, “morreu o comuna”.

Mesmo com os sindicatos sob intervenção e perseguidos, algumas ações ocorriam. O panfleto “Frente Operária”, do Partido Operário Revolucionário destacava a realização de um primeiro de maio na cidade de Guarulhos em 1971 com a participação de 9 sindicatos, tendo a presença de até 15 mil pessoas !

ONTI.

AS COMEMORAÇÕES DE PRIMEIRO DE MAIO, EM TODO O PAÍS, E EM PARTICULAR EM SÃO PAULO, DEMONSTRAM CLARAMENTE QUE JÁ ESTÃO MAIS QUE AMADURECIDOS OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS E SUFICIENTES, PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA TAREFA. AS ASSEMBLÉIAS DE PRIMEIRO DE MAIO EM METALÚRGICOS E TÊXTEIS, EM SÃO PAULO, AS FESTIVIDADES EM GUARULHOS, ORGANIZADAS POR 9 SINDICATOS E COM A PARTICIPAÇÃO DE 15.000 PESSOAS; O MANIFESTO DE PRIMEIRO DE MAIO DE 30 SINDICATOS E FEDERAÇÕES SINDICAIS (EXIGINDO LIDERANÇAS DE MÓBRÁTICAS, REFORMA AGRÁRIA, VOLTA AO HÁBITUS-CORPUS, REVOGAÇÃO DA POLÍTICA SALARIAL, DIREITO DE GREVE, CONTRA A DESNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA DO PAÍS, DENUNCIANDO A FALSIDADE DO DECANTADO AUMENTO DE 9% DO PRODUTO INTERNO BRUTO, QUE SIGNIFICA AUMENTO DE RIQUEZAS PARA POUQUÍSSIMOS SETORES PRIVILEGIADOS À CUSTA DAS MASSAS, ETC.); ESTAS MANIFESTAÇÕES, DEMONSTRARAM A MANUTENÇÃO DA INTERVENÇÃO INDEPENDENTE E DE

Figura 17 Trecho do manifesto "Frente Operária" de maio de 1971, pertencente a base de dados do projeto Brasil Nunca Mais. O panfleto integra processo contra militantes da cidade de Guarulhos.

A imprensa da época não noticiou celebrações como esta em Guarulhos. Temos, também o silêncio de grande parte da mídia local quanto aos assassinatos e crimes cometidos pelo estado, no caso de Guarulhos, os esquadrões da morte que agiam livremente nas periferias naquele momento, como investigado e denunciado pelo jurista Hélio Pereira Bicudo. Entretanto, como indicado no panfleto, há uma insatisfação entre os trabalhadores, ao mesmo tempo em que as perseguições e desaparecimentos são sentidos pelos trabalhadores. Esses panfletos que integram processos inquisitoriais contra trabalhadores presos pela ditadura traziam também um pouco de como essa luta se manifestava no cotidiano das fábricas.

A distribuição desses jornais tinha o efeito não apenas de noticiar, mas principalmente de motivar ações dos trabalhadores. Reconhecendo, no caso específico, não haver ação organizada, quem o escreveu relata indignações

individuais que se manifestam de maneira espontânea. O arrocho salarial que se intensifica a partir dos anos de 1970, combinado com a perseguição e destituição das diretorias mais ativas e fechamento de alguns sindicatos, assim como prisão de militantes políticos, são embrionários para explosão de greves ao final da década. Vale lembrar, que partes desta organização de trabalhadores se transferem para grupos da sociedade civil durante os anos de 1970, tais como associações de moradores como visto a pouco e o surgimento de outras organizações como as CEB (Comunidades Eclesiais de Bases) e círculos de cultura (literatura, teatro, artes plásticas, etc.). Mesmo com a ausência de uma ação mais organizada dos sindicatos, é sentida essa atuação individual dos trabalhadores das grandes indústrias de Guarulhos, na reivindicação do mínimo. Outro documento similar encontrado, apresenta a ação dos operários da Asea Elétrica, localizada na Av. Monteiro Lobato, pela reorganização de horário de intervalos, pagamento de horas extras e aumento de 10% do salário de 1971. O material colhido na casa de um

indiciado pela ditadura, Raimundo M. de Oliveira, detalhava essa vitória parcial dos trabalhadores.

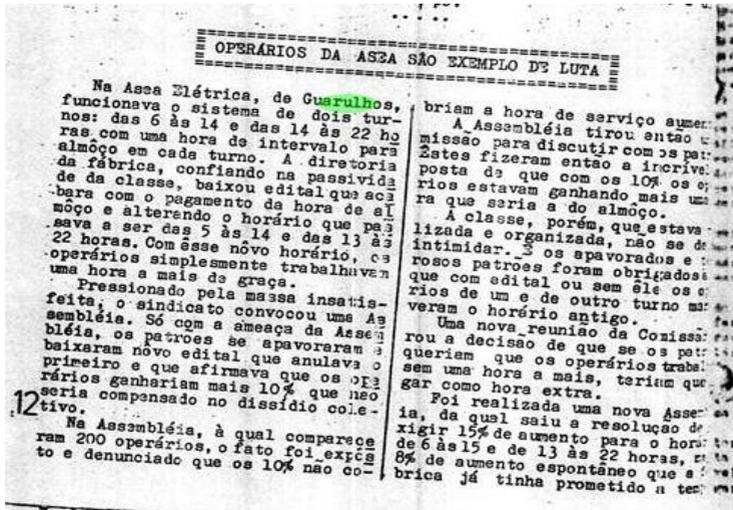


Figura 18 Trecho do panfleto encontra no banco de dados do projeto "Brasil Nunca Mais".

No documento aparece um instrumento poderoso de organização das lutas dos operários naquele período que serão as comissões de fábricas. Com uma direção sindical omissa, essas comissões ganham corpo em cada indústria de relevância em Guarulhos. Em poucos anos essas insatisfações dos trabalhadores vão convergir para mobilizações cada vez mais organizadas.

Em outra matéria do Repórter de Guarulhos, jornal que teve sua abrangência na década de 1970 e 1980, destaca-se uma cobertura sobre as greves dos metalúrgicos da cidade no ano de 1978. A reportagem trazia como título “Metalúrgicos e Químicos explicam as greves e o movimento operário” e tinha como destaque a fala das principais lideranças do Sindicato dos Metalúrgicos e dos Químicos, além da chamada oposição sindical. Os sindicatos que sofreram intervenções por parte da ditadura e com suas lideranças mais aguerridas presas ou afastadas, passam a conviver, principalmente a partir de 1975, com as Oposições Sindicais. A tentativa de dar certa imparcialidade à cobertura das lutas sindicais, não omite a posição editorial do jornal em atribuir o mesmo peso de fala à oposição dos sindicatos cujos dizeres e bandeiras de luta se diferenciavam flagrantemente das vozes oficiais dos sindicatos. Enquanto que para os dirigentes há um reforço de ver o acordo que seria marcado por muitas demissões e uma pressão dos patrões por aceitar a compensação de horas, a oposição trazia a importância da Comissão de Fábrica além de indicar a ausência de uma liderança “autêntica” em

Guarulhos, fazendo a alusão ao papel de Luis Inácio da Silva, o Lula, naquele momento principal liderança das greves do ABC como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Cabe destacar também a fala premonitória do presidente do Sindicato dos Químicos indicando uma disposição para luta. Explicando sobre a necessidade de correção salarial constante em virtude da inflação galopante na época (a maior chaga responsável pelo permanente arrocho salarial), o presidente fecha o depoimento dizendo: “Prever o futuro é difícil, mas só existe uma saída para não se repetirem os mesmos episódios deste ano: a correção salarial constante. Caso contrário haverá greves e não adianta nem AI-5 e nem AI-10, pois a única coisa que pode segurar o povo são melhores salários e melhores condições de trabalho.” Fala esta que transcendia em espírito político que renascia nos sindicatos e nos trabalhadores naquele momento e anunciava o que viria a seguir.

A virada dos anos de 1970 e 1980, são os anos das greves do ABC. Esse movimento ressoa com muita força na

cidade de Guarulhos, como um ressurgimento da classe trabalhadora como protagonista na arena política. Classe essa que não deixava de fazer sua própria história.



Figura 19 Greve dos professores do estado. Aqui a rua Dom Pedro II tomada pelos manifestantes. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos/Folha Metropolitana. 1984

A explosão do movimento operário no ABC influenciou outros sindicatos em várias cidades pelo país. A paralisação da fábrica da Saab-Scania em São Bernardo do Campo, em 12 de maio de 1978 se alastra por outras empresas da região e durante os anos seguintes vai pautar a luta política no Brasil e influenciar o processo de redemocratização pós-ditadura militar. Guarulhos não seria diferente. Durante os anos seguintes, além das mobilizações dos metalúrgicos, químicos, alimentos, os bancários e professores entravam na cena com muita força, realizando grandes mobilizações pela cidade. Os impactos dessas mobilizações foram sentidos na organização do Partido dos Trabalhadores na cidade principalmente, mas também no fortalecimento dos sindicatos e no surgimento de movimentos culturais como a Casa Paulo Ponte que no final dos anos 1970 era organizado por estudantes, donas de casa, professores e operários e tinha como objetivo criar opções de lazer na cidade, organizando atividades de teatro, música, capoeira, etc. para os

trabalhadores. Sobre a Casa de Cultura Paulo Pontes é de considerar uma concomitância entre organização dos trabalhadores na Vila Fátima, com o ativismo político e ações contra o analfabetismo, a fome, a miséria. Tudo junto e combinado.

Por fim, no início da década de 1980 são registradas grandes mobilizações por parte de trabalhadores, destaque para a ampla cobertura de jornais que no anos de 1970 ignoravam a pauta trabalhadora e dos sindicatos, agora reforçavam a reivindicação dos trabalhadores com uma pauta diversa: greves dos metalúrgicos, exigência de novas linhas de ônibus, luta por creches, regularização de terrenos, luta por água encanada, criação de postos de saúde, entre outras.

A instalação do aeroporto de Guarulhos, o mais importante e movimentado do país, no início de 1985, definiu Guarulhos como lócus privilegiado de uma terceira etapa de desenvolvimento econômico na cidade que veremos a seguir. A industrialização será substituída pelo setor de serviços. A

construção do aeroporto era uma espécie de “presente” que a população não queria.

À medida que a cidade e a industrialização cresciam, crescia também as diferenças e tensão entre as classes.

(...) A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. (THOMPSON, 2012, p.10)

As relações de exploração do trabalho, a má distribuição de riquezas, somadas ao descaso do poder público com os mais pobres eram situações partilhadas por todos os trabalhadores guarulhenses, o que os tornava uma classe bem definida, que passou a se conscientizar por meio de expressões culturais e políticas, a se organizar a partir de

suas necessidades em comum, em enfrentamento aos patrões e seus representantes políticos que ocupavam cargos públicos da cidade.

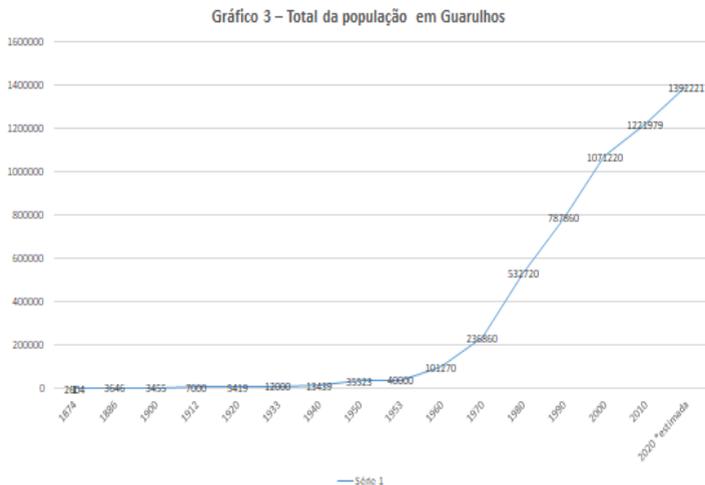
Nas páginas do Repórter de Guarulhos, essas mobilizações ganham amplificação na cidade. O período de redemocratização no Brasil é também da cidade, o que enfim produz uma organicidade na luta dos trabalhadores, se organizando (e fortalecendo) as associações, os sindicatos e os partidos políticos. É neste quadro de redemocratização, em que novas ações de trabalhadores e de mobilização e enfrentamento ganham novas páginas na paisagem urbana de Guarulhos. Tornam-se assim comuns as paralisações da Rodovia Dutra, principal via de acesso e saída da cidade, como visto na imagem de abertura do capítulo.

4 - TRABALHO, MIGRAÇÕES E OCUPAÇÃO DESORDENADA



Figura 20 Casa do Norte no bairro do Taboão. Acervo AAPAH/Marcelle Marques de Andrade. 2012

A demanda por trabalhadores cresce exponencialmente na cidade a partir da década de 1950 com o aumento de indústrias, comércios e serviços. O gráfico a seguir mostra esse crescimento populacional.



Fonte: Livro *Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos*. 2006.

Guarulhos recebe entre 1940 e 1960 uma série de equipamentos públicos: em 1948, a primeira empresa de ônibus; em 1951 é instalada a Santa Casa; em 1953, a primeira comarca da cidade, com a nomeação de um juiz de direito; 1954-55, a primeira agência bancária e agência do Correio; em 1956, o primeiro Cartório; a organização dos rotarianos em 1958 e, no mesmo ano, como vimos, o primeiro sindicato de trabalhadores os de Condutores de Veículos Rodoviários.

Os grandes loteamentos e projetos de arruamento

tomam corpo. Bairros distantes do centro como Taboão, Continental, Vila Fátima e Vila Rio aceleram o processo de ocupação urbana. A população vai se direcionando para estas zonas periféricas, no entorno das fronteiras industriais da cidade, cada vez mais distantes do chamado núcleo central de Guarulhos. Intensifica-se então o processo migratório para a cidade, vindos de vários estados do Nordeste, mas também de Minas Gerais, trabalhadores para os diversos ramos da indústria, do comércio e de serviços, assim como para subempregos, comuns nas grandes cidades. Noticia-se, neste período, quanto às más condições de trabalho, o uso de trabalho infantil em fábricas e até casos de trabalhadores em situação análoga à escravidão.

Assim, na mesma capa de jornal o cotidiano do trabalhador poderia ser narrado com drama, violência e opressão, mas também com existência e resistência.

A situação das escolas nos bairros de Guarulhos é péssima. São sujas, mal conservadas e o ensino é deficiente.

Págs.
4 e 5.

MENORES EXPLORADOS NAS FÁBRICAS

Sob o pretexto de fornecer aprendizagem aos menores, o que é previsto em lei, as firmas empregam crianças e pagam metade ou dois terços do salário mínimo. Mas as empresas não cumprem a lei e utilizam os

menores, que produzem tanto quanto um adulto, para fazer todo tipo de serviço, e ninguém fiscaliza essas irregularidades. Essas é mais uma forma de as empresas obterem mão-de-obra barata. Pág. 3.



O Ministério do futuro presidente causa apreensão

Página 2

O REPÓRTER
de GUARULHOS
O jornal da cidade

ANO III - Nº 12 fevereiro de 1979 Cr\$ 2,00

Fraude na eleição da Construção Civil



O Carnaval vai dar muito o que falar. O samba local está a todo vapor mas já reclama da Prefeitura. Veja na pág. 7



Malha, lazer no Paraventi

Última Página

Figura 21 Notícia do jornal Repórter de Guarulhos, n. 12, fevereiro de 1979.

A Semana de Arte Nordestina

Criada pela lei municipal de 2.241/1978, em 13 de junho de 1978, a Semana de Arte Nordestina foi instituída, conforme palavras do presidente da Comissão Organizadora do evento, o então vereador Elísio de Oliveira Neves (Alan), “festejos feitos quase em especial para os nordestinos, que como NÓS deixaram suas terras e se radicaram nesta cidade”. O oferecimento de músicas, comidas típicas de todos os estados brasileiros do norte e nordeste tinha o objetivo de “permitir que os mesmos matem sua saudade”. Ao observar a foto deste evento, que durante o final da década 1970 e até meados da década de 1980 foi realizado na Praça Getúlio Vargas com um público grande, financiamento da prefeitura, chamada de capa em jornal e apoio grande dos políticos e contava com a participação de artistas populares que atraíam público como Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga e a Banda de Pífanos do Caruaru. Um dos líderes da festa era o folclórico Severino Monteiro de Aquino, conhecido como Severino “Xique-Xique”.

Os objetivos deste evento não cabiam no papel e no otimismo de seus organizadores, sendo aposta de ser em breve o maior do estado, quiçá o maior do Brasil. A revelação das imagens mostra um nítido uso político da festa, atraindo políticos ao lado de astros populares e saudando a todos e a todas. A cobertura do jornal Folha Metropolitana chama atenção pelos depoimentos de vereadores, congratulando a “grande população nordestina” da cidade. Apesar do discurso considerar uma deferência à comunidade nordestina em Guarulhos, esta pouco aparece nas muitas comunidades organizadas como tal na cidade. Diferentemente de outros descendentes de migrantes cujas memórias são monumentalizadas em Guarulhos, a narrativa apresentada era a de focar o Nordeste, a “cultura nordestina” e não os migrantes e o que eles ofereciam à cidade de Guarulhos – suas histórias de vida, sua contribuição cultural ou econômica, por exemplo. Tampouco servia, essa festividade, para demarcar territorialidades, pois o evento era realizado no centro do poder político da cidade, a Praça Getúlio Vargas.

No achado das imagens do evento, algumas são emblemáticas. A ausência de referência às comunidades aqui estabelecidas, a seus locais de moradia, ou a trabalhadores que a construíram (com exceção de Severino “xique-xique”), venderam, compraram e fabricaram na cidade de Guarulhos após deixarem a terra de origem, são representadas para um público que tudo vê para consumir e se divertir. Um evento que poderia ser ato demarcatório e reivindicatório da presença desse movimento migratório, torna-se apenas ponto de lazer, ignorando que esses trabalhadores sofriam preconceito, além de todas as questões ligadas à exploração de mão de obra barata. Uma festa que durava uma semana tinha motivos, preços e razões. A apresentação da "cultura nordestina" ficava com as músicas populares pagas pela prefeitura e as barraquinhas de comidas subvencionada por vereadores. O artesanato e a apresentação de artistas menos conhecidos parecia ser a parte menos concorrida da festa, mas talvez a mais representativa.

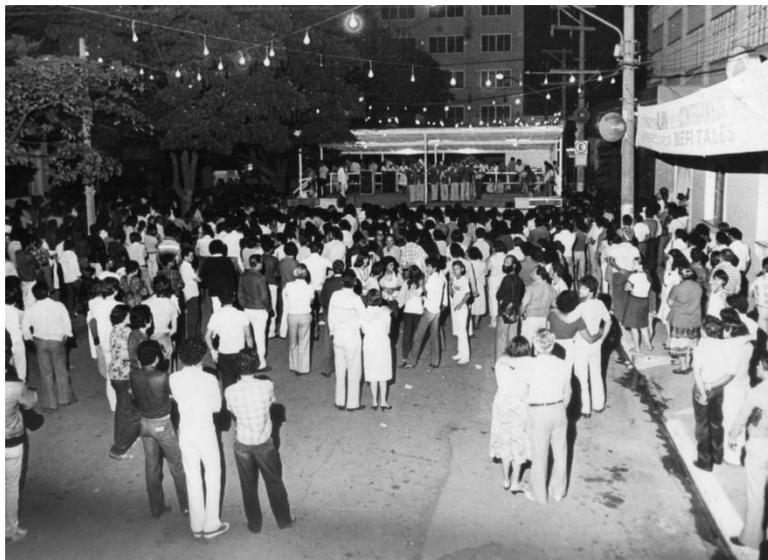


Figura 22 Imagem da festa na praça Getúlio Vargas em 1979. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos/Folha Metropolitana. 1979

A emulação do quadro de correntes migratórias em Guarulhos é difícil de realizar por completo, sem imaginar que algo pode ser perdido. Dados da época já mostravam uma população de 60% de “estrangeiros” não guarulhenses. Até a década de 1980 a população mais do que dobra em dez anos. O mosaico da cidade se torna ainda mais diverso, refletindo sobre o que Casé Angatu conclui sobre as várias identidades de Guarulhos.

Ao estudarmos a história social do município compreendemos um quadro de heterogeneidade sociocultural e urbanística de múltiplas identidades que ali se percebe, dificultando o reconhecimento de um caráter único ou preponderante para Guarulhos e seus moradores (SANTOS, 2006, p.217).

A trajetória de vida de alguns moradores vai se resumir à região que moram, constituindo ali sua existência e uma identidade ³com o local.

O crescimento desordenado da Região Metropolitana de São Paulo potencializa que essas regiões se constituam não apenas como periferias de Guarulhos, mas também como bairros periféricos de São Paulo. Assumem-se características

³ Ou várias identidades, pois como um processo essencialmente cultural, as identidades são construídas a partir da relação do indivíduo com o mundo. É aqui que os significados e as representações sobre o mundo permitem sua autonomia e reconhecimento (ou identificação) para com o outro. Pensando a experiência do trabalho como marco inicial, as trajetórias de alguns personagens mostram essas variedades múltiplas as quais Casé faz referência.

diferenciadas que podem ser descritas quando se pergunta para os moradores dos extremos da cidade onde é o “centro de compras”, por exemplo, moldando assim novos sentidos de pertencimentos como a relação que muitos moradores dos Pimentas possuem com o bairro de São Miguel Paulista, no município de São Paulo. Não será sem razão que muitas dessas “regiões” alimentaram desejos de emancipação, principalmente a partir da década 1970: Aracília, Sadokim, Bonsucesso, Pimentas, Presidente Dutra, Água Chata, Itaim e, principalmente, Cumbica o bairro das indústrias.

Cumbica, o bairro que desejava ser cidade

Se olharmos a trajetória do distrito de Cumbica, poderemos encontrar ali todos os desafios de uma grande cidade do século XX: ocupação em torno de loteamentos particulares, rápido crescimento industrial, carência de infraestrutura, mutações na vocação econômica, levadas e levadas de novos moradores criando mais problemas de infraestrutura por total ausência do poder público. Em um quadro de mudanças e transformações de “vocação” do

bairro, nos impressiona ainda hoje como essa acomodação de grupos sociais em seus interesses divergentes foi moldada e subsiste num dos bairros mais populosos de Guarulhos e com uma das maiores rendas per capita, convivendo com amontoados urbanos precários e sem saneamento.

Na etimologia da palavra “Cumbica”, originária da língua Tupi, significa “nuvem baixa”, ou neblina. Existem outras hipóteses facilmente encontradas na internet. É também possível afirmar que o centro do vale em que hoje se localiza o aeroporto era ocupado por povos indígenas que se estabeleciam às margens do Baquirivu-Açu em busca da caça e vivendo da coleta nas florestas, tendo como proteção o clima mais temperado na região, além da proximidade com o mais importante rio de São Paulo: o Tietê. Os índios maromomis de hábitos nômades e espalhados pela Serra do Jaguamimbaba (atual Serra da Cantareira), provavelmente passaram muitas vezes pela região.

Durante muitos anos, a área foi ocupada por sitiantes e posseiros, até que, após aquisições e aforamentos, se tornou uma fazenda de posse de Abílio Soares, tendo quase 10 milhões de metros quadrados. Este espaço englobava onde hoje é o Aeroporto, a Base Aérea, os bairros de Cumbica e até o Parque Ecológico do Tietê.

Um episódio trágico marcou a história da região. O então proprietário Abílio Soares entra em desavença com a família Siqueira Bueno pela demarcação de terras na região. Em 1919 ele é assassinado. Posteriormente em 1922, os lotes foram adquiridos pela família de Eduardo Guinle. Em 1940, parte da terra foi doada para o governo federal que criou a Base Aérea de São Paulo. A menor parte é vendida para a Clawi Empreendimentos, responsável pelo loteamento. As grandes indústrias são atraídas pela iminente ampliação da via que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro. Em 1951, a inaugurada Rodovia Presidente Dutra se torna o mais importante chamariz de desenvolvimento da cidade.

Sob o pomposo nome de Cidade Satélite Industrial de Cumbica, o bairro iniciou a sua expansão, atraindo inicialmente empresas. A ideia era ser um condomínio industrial com largas avenidas, tendo o amparo de uma série de equipamentos públicos. Como muitas coisas no Brasil e, principalmente, quando se trata de planos urbanos, a ideia e a prática tomaram caminhos diferentes.

A atração das indústrias conviveu a partir da década de 1970 com outras chegadas: a ocupação das áreas em torno da rodovia e dos galpões industriais. É interessante observar como esta convivência é marcada por contradições e fragilidades típicas de um bairro que cresce sob um planejamento urbano inexequível: nos anos 1980, o bairro de Cumbica já era a região que mais pagava ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) ao município de Guarulhos com cerca de 1500 empresas nas suas freguesias, com galpões planejados para abrigar o parque industrial e com uma arquitetura tipicamente industrial. Ainda assim convivia com

falta de asfalto, saneamento, escolas e transporte público, assim como de dignidade para os moradores do seu entorno.

Uma tentativa de convergir aspirações do empresariado e de se cobrar medidas do poder público foi à criação da ASEC (Associação dos Empresários de Cumbica) na década de 1980.

Entretanto, a distância entre o empresariado e os moradores do bairro era tamanha, a ponto de um dos secretários do prefeito Paschoal Thomeu, em 1990, afirmar em uma matéria do jornal Repórter da Cidade: “Muitos empresários jamais tinham pisado numa rua do bairro. (...). Antes não era uma preocupação maior do empresariado saber como viviam os moradores vizinhos das fábricas.”. Fica nítida nesta reportagem a presença de vozes dissonantes na região e que entendiam que o caminho seria a emancipação em relação a Guarulhos.

Em 1999, dois anos após a **maior crise política da cidade**,⁴ as tentativas de emancipação ganharam as páginas de um jornal de grande circulação, o Estado de S. Paulo. A matéria no dia 19 de março de 1999 traria um panorama interessante sobre os intentos autonomistas. O mapa que trazia a proposta do novo município, agrupava uma imensa região, absorvendo além dos bairros Cumbica, os Pimentas, Itaim, Água Chata, Aracília, Sadokim, Bonsucesso e Presidente Dutra. Em população seria quase equivalente à metade da cidade na época.

As posições foram bem divergentes. De um lado algumas lideranças como José Roberto Lapetina, presidente da Associação dos Empresários de Cumbica, entendia a situação de abandono desesperadora e que apenas com a emancipação haveria mais investimentos no local. Outro líder,

⁴ Após a posse do prefeito Néfi Tales, em 1997, a cidade foi mergulhada em escândalos que levaram a cassação do prefeito e inclusive a sua prisão em 2000. A instabilidade financeira da prefeitura levou a atraso de salários dos funcionários e acusações de enriquecimento ilícito. Um dos reflexos foi o ressurgimento de movimentos emancipacionistas em outros bairros da cidade.

Reinaldo Affonso, questionava a não eleição de representantes do bairro, mesmo em uma área que detinha um terço dos votos. Havia um vereador que se posicionava a favor da emancipação: Orlando Fantazinni. Ele simpatizava com o movimento, pois afirmava que numa cidade do porte de Guarulhos seria inviável a fiscalização dos poderes públicos. Outro político e também liderança era Kan Kise que já tentara o plebiscito outras vezes.

De outro lado, uma resistência política tendo a frente o prefeito da época, Jovino Cândido rebatia na lata: “Não é uma proposta séria”. Outra liderança contrária era Luiz Roberto Mesquita, presidente da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Guarulhos, que defendia a união em torno da cidade, refutando assim qualquer medida separatista. É nítido que não havia unanimidade e mesmo entre os empresários, a ideia não prosperou.

Um argumento que em uma primeira análise não aparece na matéria do jornal, mas que é de importância

fundamental, é a fala da então coordenadora do Projeto Redescobrimdo Guarulhos, Marli Araújo. Afirmava a arquiteta: “A emancipação não resolve os problemas e Guarulhos perderia sua identidade com a separação do núcleo de Bonsucesso. Este argumento inclusive é aludido na matéria como o mais poderoso para impedir a emancipação, pois a Igreja de Bonsucesso no processo de “redescoberta” se constituiria no mais importante vínculo sociocultural com o conjunto maior da cidade, tornando-se praticamente inviável a ideia de emancipação.



Figura 23 O movimento de emancipação de Cumbica espalhando cartazes pelo bairro. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos/Folha Metropolitana. 1989

O movimento emancipacionista em Cumbica tinha lastro em mobilizações anteriores como algumas fotos de época demonstram. As primeiras mobilizações datavam de 1977. Eram vistos na entrada do bairro cartazes espalhados com os escritos “Bem vindo a Cumbica, aqui é o fim do mundo”. A falta de planejamento convivendo com a dualidade de um polo industrial que atraía empregos e ao mesmo tempo escancarava a falta do básico, motivava a sobrevida do *emancipacionismo* durante a década de 1980 e 1990.

A partir dos anos 2000, não se ouviu mais falar em emancipar Cumbica ou qualquer outro bairro da cidade, ao menos não internamente. Em 2007, em discurso para a Assembleia Legislativa de São Paulo, o então deputado estadual Antonio Salim Curiati listou novamente o bairro de Cumbica como de interesse para emancipação, ao lado de

outros. Nas palavras do parlamentar traria “prosperidade aos seus moradores”.

Figura 24 A convivência entre as indústrias e a ocupação urbana no bairro de Cumbica. Parte das ruas ainda continuam de terra. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos. s.d.



5 - GUARULHOS DO SÉCULO XXI: FORMAL, INFORMAL E DA ESCRAVIDÃO MODERNA

A partir dos anos 2000, Guarulhos se torna uma cidade voltada para a prestação de serviços, fato este bastante comum em cidades que já foram importantes polos industriais no passado. O setor de serviços hoje representa quase 50% de todos os estabelecimentos formais de trabalho em Guarulhos, sem ainda somar os informais associados, segundo o *Caderno Econômico* 2019, publicação da Prefeitura de Guarulhos. A mesma revista indica, conforme os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 2013 até 2017, que o setor de serviços e de comércios apresentava perspectiva de alta, enquanto a indústria de transformação, durante anos motivo de propaganda de prefeitos, apresentava quedas seguidas nos últimos anos.

O trecho do hino da cidade: “Chaminés como lanças erguidas nos apontam o caminho a seguir”, parece apenas mais uma sombra daquilo que já foi visto como símbolo de Guarulhos, agora em profunda modificação. O setor de

serviços além de ser local de informalidade, no caso da cidade, ainda abriga atividades bastantes presentes nas paisagens da cidade e de alguns bairros: transportadoras, hotéis e os aviões.

Um aeroporto em Guarulhos

O Aeroporto Internacional de Guarulhos teve a sua construção iniciada em 20 de janeiro de 1979. Recheada de contestações por parte da população e pelo prefeito da época, Néfi Tales, em relação aos incentivos fiscais por conta da isenção de tributos, pendência presente ainda hoje, além do desaparecimento de dois bairros, São Luís e Jardim Maringá, a peleja do aeroporto mergulhou a cidade em um grande debate sobre a sua utilidade.

A primeira tensão foi quanto ao local destinado. Discutia-se no governo federal outras cidades para receber o futuro aeroporto internacional. Jundiaí era uma delas. Ao optar por Guarulhos, a existência da base aérea de São Paulo foi um dos fatores importantes, além das já faladas rodovias, ainda mais com a inauguração em 1982 da Rodovia Trabalhadores, hoje Ayrton Senna.

O prefeito da época, Nefi Tales, acreditava que o aeroporto traria um aporte de recursos financeiros à cidade que poderiam ser usados para o desenvolvimento local. A não chegada destes recursos e a indisposição de parte dos moradores da região, levou à mobilização de luta contra a implantação do aeroporto.

Frentes de insatisfação com a proposta se combinavam: moradores do entorno que seriam desapropriados, como ao fim foram; moradores de bairros que permaneceriam com a criação do aeroporto, mas tinham receio da proximidade com o mesmo, e, por fim, os políticos da cidade de Guarulhos que no jogo de pressão que envolvia a obtenção das contrapartidas federais à construção da colossal obra, mobilizavam a reação da população como a campanha do “Aeroporto não!”. As imagens a seguir revelam parte dessa insatisfação: jornais da época que estampavam a campanha na capa e as

comunidades próximas à cabeceira da pista que foram desalojadas.

Figura 25 Imagens das comunidades afetadas com a construção do Aeroporto de Guarulhos. Acervo GRU Airport/Infraero. 1980. Disponível em: <https://aeroin.net/veja-fotos-nascimento-aeroporto-de-guarulhos/>





HEM. 20 76

SEMPRE Municipal "MUNI" NO LUGAR
Cidade — Lq 442 — GUARULHOS

GUARULHOS

(CIDADE SÍMBOLO)

EM REVISTA

DEDICADA AOS INTERESSES DO MUNICÍPIO E COMARCA DE GUARULHOS

Editor Proprietário: Miguel Benedito Parente
Redação: Rua do Rosario, 117

Fone (Rec) 208-7825

Preço: Cr\$ 5,00
Guarulhos — Est. São Paulo

ANO IX

JULHO — AGOSTO — SETEMBRO DE 1979

N.º 35

AEROPORTO NÃO!



O problema da instalação do Aeroporto Metropolitano de São Paulo, em Cumbica, persiste, "muito embora todos os caminhos levem a Viracopos", como sabiamente disse o ministro Délio Jardim de Matos, da Aeronáutica, em reunião com a comitiva guarulhense liderada pelo prefeito Néfi Tales, em Brasília. O encontro entre o Ministro da Aeronáutica e a comitiva guarulhense foi realizada graças a um contato do deputado federal Diogo Nomura. O ministro Délio Jardim de Matos mostrou fotos, mapas e planos a respeito da instalação do aeroporto, o local de ampliação da pista e as obras necessárias para a sua ampliação.

O prefeito Néfi Tales argumentou sobre "o problema social que será criado em Guarulhos com desapropriações de milhares de famílias pobres, operários e que com muitos sacrifícios

construíram suas casas". O Prefeito de Guarulhos sugeriu ainda a inclusão de um nome de Guarulhos na Comissão que estuda a instalação dos aeroportos em São Paulo. Para o deputado Frederico Brandão, advogado da Comissão dos Desapropriados de Cumbica, "Com a indicação deste nome, Guarulhos poderia sugerir e até quem sabe evitar erros na colação de determinados dados".

Cumbica é a curto prazo, a melhor opção para desafogar o tráfego aéreo, pois Congonhas está saturado — diz o Ministro da Aeronáutica — mas, se me provarem que estou errado, vou rever minha posição com relação a Guarulhos.

Enquanto isso, as obras na Rodovia Presidente Dutra tiveram início, uma nova opção: Via Leste paralela aquela via foi anunciada e outras promessas vão sendo feitas. Em Guarulhos, Sociedades Amigos de Bairros, a Comissão de Desapropriados e o povo, em geral mobilizam-se contra a poluição sonora, a instalação do aeroporto e a provável mudança das famílias do local.

— Estiveram em Brasília: o prefeito Néfi Tales; o presidente da Câmara Municipal, João Moreira Luna; deputado estadual Francisco Dias Alves; secretários Darcio Martins Pereira, de Obras e Fuad Malul, dos Assuntos Jurídicos; vereador Kan Kise, presidente da Comissão dos Desapropriados de Cumbica; deputado Frederico Brandão, advogado da Comissão, vereadores Luzanira Candea, Luiz Alan, Aparecido Padilha, Nalm Zeitune; Carlos Alberto Barbosa, assessor de imprensa, o radialista Nicola Neto e Vicente de Aquino, da "Folha Metropolitana".

Figura 26 Foto imagem do periódico "Guarulhos em Revista" de setembro de 1979. Acervo Arquivo Histórico de Guarulhos.

Hoje é quase impossível não estar em algum ponto da cidade e não ver ou ouvir o barulho de parte dos motores que segundo estudiosos despejam uma caixa d'água de poluentes altamente tóxicos a cada decolagem e pouso. Hoje o município é fortemente identificado com o Aeroporto, administrado nos últimos anos pela GRU Airport, ganhadora da concorrência de privatização. As atividades ligadas ao sítio aeroportuário movimentam a economia da cidade de maneira marcante. Com dados consolidados antes da **pandemia da Covid-19**, novamente segundo o *Caderno Econômico*, eram 27 milhões de passageiros de voos domésticos e 15 milhões em voos internacionais, atividade agregada a um polo de serviço que conta com 300 empresas diretamente ligadas ao aeroporto, gerando perto de 40 mil empregos. A taxa de ocupação hoteleira em torno de 80% é uma das atividades mais impactadas pelas atividades aeroportuárias da cidade e certamente colabora para a migração pendular característica entre Guarulhos e a capital. Além dessa potência econômica

que os números do aeroporto revelam, havia algo que hoje poucos imaginam que o aeroporto podia oferecer: um local de entretenimento e lazer para os moradores de Guarulhos. Se hoje observar aviões nos céus deve mobilizar a imaginação de poucos, no início da década de 1990 era diferente. Ver aviões atraía as pessoas que certamente numa época de inflação alta e crescente desemprego só tinham condições de ter contato com as máquinas voadoras assim, do chão com os olhos voltados para o céu. E isso poderia ser um passeio de domingo que reunia familiares para alegres piqueniques com um pulsante comércio informal, todos nas gramas que margeiam hoje a rodovia Hélio Smidt.

Apesar de parecer não haver mais conflitos em torno do Aeroporto, até mesmo quando a pendência da construção da Terceira Pista foi finalmente resolvida em 2008 com a vitória do movimento de moradores contrários à construção e não causando o impacto que prometia com mais desapropriações, o Aeroporto convive em relação contraditória com a cidade como prova a tentativa da

Prefeitura de Guarulhos de cobrar o IPTU devido pela concessionária, que insiste em afirmar não dever o imposto. Surpreendente, porém, que ainda outras polêmicas aconteceriam como o uso de trabalho análogo à escravidão nas obras do Terminal 3 que detalharemos à frente.

Outra marcante característica da Guarulhos do século XXI são os mais variados setores de logística que congregam o transporte terrestre de mercadorias, desde o comércio atacadista ao armazenamento e outras atividades correlatas (estacionamento de caminhões) florescendo nas zonas periféricas e principalmente fazendo uso de grande parte do inativo parque industrial. A existência de galpões e a quantidade de caminhões entupindo principalmente o trevo de Bonsucesso, na rodovia Presidente Dutra, comprovam o crescimento destes ramos impactando negativamente a mobilidade urbana, mas sendo um dos setores que mais empregam, formalmente e informalmente na cidade.

Num mergulho nas imagens do passado da cidade, é possível observar como a questão do transporte esteve presente nas vocações da Guarulhos, se envolvendo entre as

questões das instalações das empresas, impacto na mobilidade urbana e os trabalhadores desse importante atividade econômica, a começar pelo Trenzinho da Cantareira.



Figura 27 Estação da Tramway da Cantareira Vila Galvão. O chefe da estação está no centro da foto. Acervo de Henrique Domingues. 1930

A Tramway Cantareira, concessionária responsável pela linha férrea, surgiu com o objetivo de construir a Adutora Cantareira no final do século XIX. A necessidade de transportar passageiros surge naturalmente, a partir do

estabelecimento dos primeiros trilhos.

Em 29 de dezembro de 1908, promulga-se uma lei com o objetivo de expandir o Trem da Cantareira até o bairro do Guaíra (atual Jaçanã), passando pela vila de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, chegando até o bairro de Bonsucesso.

Em 1915, chega a Guarulhos, com a primeira estação Vila Galvão. Em pouco tempo, Guarulhos passa a receber estações em cinco bairros da cidade (Vila Galvão, Torres Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta e Guarulhos-Centro).

Em torno desse traçado os loteamentos se intensificam, simultaneamente à abertura de vias. O trem era composto por seis vagões e locomotiva movida a vapor. Eram necessários maquinista e foguista responsável para funcionar o trem, além de funcionários na estação, especialmente o Chefe da Estação.

Carinhosamente apelidado de “Trenzinho da Cantareira” pelos funcionários e usuários, a linha do trem deveria ter chegado até o bairro de Bonsucesso. Foi construído um ramal até a Base Aérea de Cumbica para o transporte de militares.

Em torno da atividade de manutenção e funcionamento do trem de Guarulhos, desenvolveu-se um núcleo de trabalhadores da ferrovia que moravam na cidade de Guarulhos, próximo ao bairro da Vila Augusta, a Parada Sorocabanos. A desinstalação do trem começou em 1965, tendo destaque a última viagem pelos trilhos.

Outro recorte relevante para refletirmos sobre a questão do trabalho na cidade de Guarulhos é o papel das estradas e rodovias que adentram a cidade. Guarulhos é uma cidade privilegiada pelos acessos, entremeada desde o período colonial por caminhos dentro da mata e pelos cursos de rios e córregos. Mantém ainda hoje divisa com várias outras cidades da região metropolitana, além de estar em conurbação com a cidade de São Paulo, capital e centro econômico da região. É também entrecortada por rodovias: Hélio Smidt, Fernão Dias, Presidente Dutra e Ayrton Senna, além do futuro Rodoanel.

Esta situação serve de paralelo ao passado de Guarulhos em que suas estradas e caminhos, devido às dimensões e importância, marcaram a constituição territorial

Durante este trabalho escrevemos sobre várias atividades econômicas que usufruem o uso de estradas, seja passando por elas ou nelas orbitando. A questão do transporte de mercadorias é uma das atividades econômicas mais rentáveis de Guarulhos, com seus grandes entrepostos para caminhões e os postos com agenciamento de cargas. Neste universo que estudiosos chamam de logística de transportes, sobrevivem também trabalhadores que no emaranhado do crescimento das cidades e a ausência de trabalho formal, se embrenham na beira de estrada a busca de sustento.

Um sobrevoo sobre essas histórias nos revela a situação dos chamados “chapas” que se arriscam em algumas das rodovias mencionadas na busca de trabalhos.

Os “chapas” são figuras muito encontrada nas paradas de caminhoneiros e nos postos de combustível segurando suas pequenas placas com anúncios de serviços. Ao longo da rodovia Dutra, assim como na parada de grandes postos de combustíveis, como o Posto Sakamoto no bairro dos Pimentas, é possível encontrar esse personagem responsável por carregar e descarregar caminhões com todo o tipo de mercadorias e servir de guia para os caminhoneiros.

Essa forma de trabalho precário é negociada ali na hora, mediante o valor combinado com o caminhoneiro. As jornadas são bastante duras e costumam durar em torno de 12 horas diárias e não dispendo de quaisquer equipamentos de segurança ou rede de proteção social como contribuição a previdência.



Figura 28 Abrigo de chapas nas rodovias do Paraná. Acervo Eduardo Cimitan/Eduardo Cimitan. 2008

Ainda vale uma reflexão sobre formalidade e informalidade. Conforme estudos que relacionam que o oferecimento de empregos formais gera outros três informais,

temos no alvorecer do século XXI a predominância de trabalhadores informais (entre ativos, desempregados, desalentados, etc.) sobre os formais na cidade de Guarulhos. Os postos de trabalhos formais conformariam a monta 324.167 de empregados segundo dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) 2018. Não há dados consolidados de quantos seriam moradores de Guarulhos. Apenas um recorte da história da cidade e os dados da migração pendular podem revelar que parte desses empregos não são de moradores, sem ignorar a massa de trabalhadores voltados ao subemprego que se expressa nas variadas vertentes e setores da economia.

Essa disputa entre formalidade e informalidade se apresenta em vários locais da cidade. Podemos elencar um especial, localizado no coração do Centro Histórico de Guarulhos. O calçadão da rua Dom Pedro II se constitui nesta principal arena. Lojas de serviços e departamentos disputam palmo a palmo com o trabalho de ambulantes com suas bugigangas e imitações de roupas de marcas, tentando

escapar da pobreza e das operações de combate ao comércio “ilegal”.



Figura 29. Imagem atual do calçadão da Dom Pedro II em uma das atividades da AAPAH. Acervo AAPAH/Bruno Leite de Carvalho. 2015

Visitando outra imagem em perspectiva, a tentativa de normalizar hoje o trabalho sobre o calçadão da rua Dom Pedro II não resiste ao caldo de culturas que parece ali sobreviver, para além talvez da própria necessidade de sobrevivência que motiva o trabalho ambulante. Antes conhecida como Rua Direita, era palco de intensas atividades populares com seus barracões e tabuleiros típicos do comércio popular durante as

datas comemorativa e/ou religiosas durante as décadas de 20 e 30.

Ainda em 1979 a Folha Metropolitana trazia a primeira tentativa de tornar a famosa rua em um calçadão. Era em caráter experimental quando a rua se fechava aos sábados deixando o trânsito livre para pedestres *“Populares chegaram mesmo a reivindicar bancos, árvores e flores para a avenida, a exemplo de São Paulo, em que o local se torna mais humano e agradável para se fazer compras e passear”*.

Essa disputa manifesta entre ambulantes, marreteiros, trabalhadores formais e empresários na principal rua de comércio popular, conforma assim uma sociabilidade muitas vezes tensa, outras vezes pacífica, interrompida pela mão do estado na sua aparente tentativa de normatizar.

Como em todas as grandes cidades, o trabalho informal é uma marca permanente da cidade de Guarulhos, visível apesar dos desejos de torná-la invisível, convivendo diretamente com a formalidade e institucionalização do trabalho. Podendo suceder também situações como o que chamamos de escravidão moderna, um quase eufemismo.

Conforme Silvio Almeida, no seu livro *Racismo Estrutural* (2019), os aspectos sociais e as articulações econômicas que são assumidas no modo capitalista admitem outros desenhos jurídicos para o trabalho com objetivo de controle e maximização dos lucros. Logo, a existência de formas de escravidão moderna, conjugadas com outras formas cruéis de exploração do trabalho podem ser admitidas no capitalismo, mesmo em locais em que há predominância de trabalho assalariado ou a formalidade. A definição de escravidão contemporânea passa pelo entendimento de duas importantes condições: o trabalho quando considerado degradante ou exaustivo, conjugado (ou não) com o cerceamento da liberdade

O caso ocorrido em Guarulhos no principal aeroporto do Brasil contado pelo documentário “Terminal 3” é sintomático neste sentido. Imaginar o local em que congrega as mais especializadas atividades do imaginário popular (pilotar um avião), acontecer um dos mais dramáticos casos de trabalhadores escravizados no Brasil não deixa de ser uma triste ironia⁵.

⁵ O documentário dirigido por Marques Casara e Thomaz Pedro. Pode ser visto



Figura 30: Vista do bairro Jardim Marilena, antiga ocupação urbana iniciada em 2002 nas cabeceiras do aeroporto. Acervo "A Diaspórica"/Wellington Amorim, 2021

gratuitamente no Youtube. “Em 2013, quando o país construía as grandes obras da Copa, um grupo de 150 homens foi encontrado em situação de Trabalho escravo na construção do terminal 3 do aeroporto internacional de Guarulhos. Foram trazidos de vários estados do Nordeste por aliciadores a serviço da empresa OAS, responsável pela obra. Desses trabalhadores, mais de 50 foram encontrados em uma pequena casa de dois cômodos, sem comida, sem colchões, sem dinheiro para a viagem de regresso. O filme conta a história desses trabalhadores pela voz de um dos moradores dessa casa, transformada em senzala, Josenildo Cruz Nunes, que mora com a família no interior de Pernambuco e continua viajando pelo país atrás de uma obra que construa seu maior sonho: trabalhar com dignidade.” - Acesso em 20 de julho de 2021. (https://www.youtube.com/watch?v=HNvU3BLMFJo&ab_channel=contracondutas)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guarulhos sob o signo do trabalho tem essa característica pendular presente, em permanente transformação das suas “vocações”, em busca de uma nova alcunha, com o crescimento populacional ainda em desenvolvimento e com precariedade de alguns serviços. Essa amálgama produz uma série de ambiguidades: no maior símbolo de riqueza da cidade moderna que Guarulhos orgulha ser, o Aeroporto, o mais indigno dos trabalhos nos seus alicerces.

O trabalho como categoria histórica é elemento constitutivo da vida social e individual, devido principalmente à sua intensa produção de conhecimento e de cooperação entre as pessoas. Na relação com o capital, moldam-se valores novos, manifestados principalmente no estabelecimento das empresas de caráter capitalista em que a acumulação de riquezas, o lucro e o mercado se tornam estertores da dinâmica econômica. A Guarulhos pós-colonial

e no alvorecer da sua emancipação, passou a se integrar intensamente ao centro econômico que representava São Paulo e depois ao Brasil. Na ambiguidade, as chaminés cuspidas fumaça e exalando otimismo não escondia as crianças nas olarias e o arrocho salarial dos metalúrgicos. Este vínculo clivado de contradições produz vários sentidos de trabalho para seus moradores em que outros valores também exercem centralidade, mobilizando vivências e histórias. Tentamos neste livro revelar algumas delas

O exercício desta pesquisa foi olhar para a história de Guarulhos em duas vertentes diferentes e combinadas; uma de maneira mais genérica, pensando como as atividades econômicas ou os meios de vida se desenvolveram na cidade; outra mais particular, olhando também para as formas com as quais essas atividades se relacionaram ou expressaram a presença de determinados grupos sociais no território, configurando as várias identidades locais, atestando a impossibilidade de um estatuto vocacional para a cidade, por mais que tentem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo : Jandaíra. 2019.

ALVEZ, Wellington. Os Anos de Chumbo em Guarulhos – Uma História Não Contada. São Paulo: Albatroz. 2022

BORGES, Augusto César Maurício; OMAR, Elmi El Hage (orgs.). Signos e Significados em Guarulhos: identidade, urbanização e exclusão. São Paulo: Navegar, 2014

LEANDRO, E. Formação de uma metrópole: Guarulhos. CDDH : Guarulhos. 1998

MONTEIRO, John M.. Negros da Terra: Índios e Bandeirantes Nas Origens de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. ALVES, 2014

MOURA, António Cerveira; João Machado (fotos). Guarulhos: do barro sem forma sai a forma do sonho... do sonho que se desfaz em pó. São Bernardo do Campo: Usina de Idéias, 2005.

NORONHA, A. de V. **Guarulhos**: cidade símbolo 1560-1960. s/ed. Guarulhos, 1960.

PINHEIRO, Maurício. Santuário de Nossa Senhora do Bonsucesso: uma longa tradição profana . Dissertação de Mestrado, Assis : UNESP. 2004

PLENS, Cláudia (org). *Projeto de Inventário e Pesquisa Arqueológica de Guarulhos (PIPAG)*. Guarulhos: Unifesp. 2015

PREZIA, B. A. G. . Maromomi os primeiros habitantes de Guarulhos. 1. ed. Guarulhos: prefeitura de Guarulhos, 2004. v. 1.

OLIVEIRA, E. S. de. **Origens da presença negra em Guarulhos**. São Paulo: Noovha América, 2013.

OMAR, E. (org.). **Guarulhos tem história**: questões sobre história natural, social e cultural. São Paulo: Ananda, 2008.

OMAR, Elmi El Hage. Irmandades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Guarulhos: identidade, cultura e religiosidade. São Paulo: Navegar, 1ªed., 2013

RANALI, J. Cronologia guarulhense. Guarulhos, s/e., 1986.

SANTOS, C. J. F (Casé Angatu). **Identidade urbana e globalização**: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos. São Paulo: Annablume, 2006.

THOMPSON. E. P Formação da Classe Operária: árvore da liberdade (vol.1). São Paulo : Paz e Terra. 2012.

